ROBERTO

POEMA COMICO

POR

MANOEL ROUSSADO

Segunda edição

ANNOTADA POR MUITOS DOS PRINCIPAES
ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 Rua Augusta 52
1867

ROBERTO

POEMA COMICO

POR

MANOEL ROUSSADO

PARODIA AO NOTAVEL POEMA — D. JAYME — DE THOMAZ RIBEIRO

SEGUNDA EDIÇÃO

ANNOTADA

Por muitos dos principaes escriptores contemporaneos,

E PRECEDIDA

Da critica litteraria feita á primeira edição

LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — RUA AUGUSTA — 52

1867

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

As cartas que se vão ler mostram que o—*Roberto ou a Dominação dos Agiotas*—foi escripto por um amigo sincero do author do notavel poema—*D. Jayme ou a Dominação de Castella.*—

Depois do muito que se tem escripto ácerca d'este ultimo livro acho indispensavel a publicação das seguintes cartas, afim de que nem levemente passe pela cabeça de alguem, que a parodia é um desacato ao poema que elevou Thomaz Ribeiro a um distinctissimo logar entre os primeiros escriptores d'este paiz.

MEU CARO THOMAZ RIBEIRO

Cumpri a minha palavra. Quando se afastou de Lisboa ao dar-me o abraço de despedida, pediu-me, que não desistisse da idéa, que eu tinha, de parodiar o *D. Jayme;* lembram-me, mas não as repito, as palavras lisongeiras, com que me recommendou, que escrevesse um poema comico. Ahi está o fructo das suas instancias, e da minha promessa; remetto-lhe o original do meu *Roberto;* diga a respeito d'elle duas palavras.

Todos por aqui teem prestado o seu culto ao *D. Jayme*, eu presto-lhe o meu parodiando-o, porque não se parodiam senão as obras notaveis.

Receba um abraço muito apertado do

seu sincero amigo

M. ROUSSADO.

Lisboa, 2 de outubro
de 1862.

AMIGO ROUSSADO

Não sei quantas vezes li já o seu *Roberto*, e maldigo a pressa com que tenho de reenviar-lh'o.

Sabe tão bem a amisade que eu lhe consagro, como eu sei quanta lhe devo: pois bem; essa amisade não me cega, e quero que me tenha por insuspeito, quando lhe digo, apertando-lhe a mão: o seu poema é um formoso trabalho, e tem alguns trechos admiraveis!

Não sei se o meu juizo é competente, mas é este.

Regosijo-me, de que o meu *D. Jayme* e as minhas instancias concorressem para que Portugal possua em breve este bonito poema.

O seu nome, já vantajosamente conhecido na republica das letras, vai com este livro adquirir uma nova e immorredoira gloria.

Bem vindo pois o seu—*Roberto ou a Dominação dos Agiotas*—e com elle mais um testemunho do que temos a esperar do seu talento.

Creia que o saúdo com enthusiasmo, porque sou

seu sincero admirador e amigo

THOMAZ RIBEIRO

Vizeu, 10 de outubro de 1862.

CRITICA LITTERARIA

I

MEU POETA. — Depois das pequenas amostras que eu já conhecia da sua parodia ao poema do nosso amigo Thomaz Ribeiro, escusado fôra encarecer-lhe o desejo que eu sentia de ver o total da sua obra; parecia-me difficil que um trabalho deste genero, prolongado por nove cantos, se podesse aguentar sempre com egual interesse.

O choro cança, mas o riso cança ainda mais depressa.

O obsequioso presente do seu livro, chegou-me na mais triste conjunctura. Outro poeta do seu mesmo genero, e que havia tambem começado a parodia do *D. Jayme*, Antonio de Cabedo, meu optimo e inalteravel amigo, achava-se moribundo (agora, já nos está perdido para sempre). No meio de tamanha tristeza, folheou-se por acaso o novo livro, e tal é elle, que eu mesmo pedi logo a sua leitura completa; fez-se e eu escutei-a; maior nem mais verdadeiro elogio, não o sei. Se o meu Cabedo, tão propenso para a poesia folgazã e tão destro em a manejar, tivesse ouvido esta applaudia-lha como eu, porque era uma bella alma que se não ralava com invejas.

Outros que discutam a moralidade das parodias em geral, e as suas vantagens e desvantagens para as obras parodiadas, para os authores dellas, e para os progressos da litteratura em geral; não me quero intrometter nessa pendencia; digo só que o meu modo de sentir ácerca das parodias, tendo-lhes sido favoravel n'outro tempo, a ponto de que tambem n'isso me exercitei, d'então para cá, por

effeito da reflexão e da experiencia, recebeu profundas modificações, e talvez se passou para os arraiaes oppostos; todavia o seu *Roberto* agrada-me tanto, que espero não repetir menos vezes a sua leitura, do que repeti a do proprio *D. Jayme* que sei quasi de cór, como toda a gente, começando pelo parodiador.

Dando-lhe os meus agradecimentos pela sua generosa offerta, não quiz deixar de lhe retribuir com todas estas verdades muito sinceras.

Parodiadores em prosa, sem arte, nem gosto, nem graça, nem consciencia, trazem-me já de muito entre dentes e glosam todos quantos elogios faço, fingindo tomal-os por outras tantas ironias; fie-se mais em mim do que nelles, e se o meu voto em coisas destas vale alguma coisa, creia que o dou muito deveras a favor do seu livro, que me parece e é inquestionavelmente cheio d'engenho, de sal comico, de facilidade muitas vezes elegante, e de talento, de que só a inveja ou a má fé, poderiam duvidar.

Uma só coisa me inquieta a respeito desta publicação: o seu — *Roberto* — é um exemplar tão curioso e attractivo que receio venha a tornar-se contagioso; escrevedores de poucas posses litterarias, de ruim, consciencia e eivados de inveja, contra tudo que por meritos se destingue, hão de (oxalá que não) atirar-se d'aqui em diante a quantas obras insignes acertarem de nascer em Portugal. Os *D. Jaymes* são raros e podem bem aguentar-se contra as parodias, como resistem ás criticas desarrezoadas: mas abaixo dos *D. Jaymes* ha ainda na escala poetica logares muito invejaveis, e nesses, podem as más criticas e as parodias, exercer influxos mui funestos.

Praza a Deus que eu me engane e que o amigo de Thomaz Ribeiro não chegue a arrepender-se um dia de ter prestado esta homenagem folgazã, ao talento do nosso já immortal poeta.

Bem sabe como é a mediocridade, e o ponto a que tem chegado a anarchia e a irreverencia na republica das lettras; temo, e temo muito deveras os effeitos d'estes dois

triumphos reunidos; o de Ribeiro na alta poesia; e o de Roussado na parodia.

Sou com toda a sinceridade que lhe deixo provada.

Seu admirador e obrigado servo

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Lisboa 27 de dezembro de 1862.

(Publicada em quasi todos os jornaes de Portugal.)

II

. . . .
. . . .

Apartando-nos não sem custo da contemplação seductora, d'estes aspectos heroicos da nossa historia, que tanto prendem a sociedade actual, Protheo mudavel, que varia quasi de minuto em minuto as transformações, apparece-nos de repente, e chama por nós, acenando-nos com um livro recente, já coroado dos louvores da imprensa, e ao qual o merecimento da difficuldade vencida ainda accrescentará o elogio, á medida que o tempo lhe fôr aquilatando as qualidades.

É o riso da ironia, mas riso que não se desmancha em visagens truanescas; é a critica de costumes, porém critica sem feresa, e sem rancores, que na sua jovialidade despreoccupada, com um traço, em um esboço, ou em um verso frisante, retrata, avulta, e pune os ridiculos e os vicios, acoitados nos antros das Babylonias em miniatura chamadas capitaes.

Roberto ou a Dominação dos Agiotas, estreia poetica do sr. Roussado, é uma parodia e um poema comico ao mesmo tempo. Descende em linha recta de Scarron, do Hyssope e do Lutrin.

Parodia, contrafaz, porém não desfeia ou avilta o modelo. Poema recommenda-se por alguns episodios acertados e por numerosas opportunidades de estylo e de critica.

Não somos, em geral, grandes admiradores de parodias. A risada, que estalla satyrica e motejadora sobre uma obra séria, salpicando as severas roupagens da arte, de lantejoulas e ouropeis, não nos alegra, nem nos atrahe. Ha o que quer que é de irreverente e de forçado n'essas contorsões burlescas do bello, que indispõe contra ellas. O papel dos heroes de Homero, representado por histriões, a magestade de Agamemnon, ou a ira de Achilles, arremedadas por esgares de anões, ou por momos de corcovados, parecem-nos a expressão verdadeira d'essas encamisadas litterarias e carnavalescas, tão frequentes nos theatros e nos opusculos francezes.

O sr. Roussado desviou-se quanto póde, e habilmente, d'estes escolhos, que apezar de visiveis, todos os dias estão sendo causa de repetidos naufragios. Parodiando o poema de *D. Jayme*, do sr. Thomaz Ribeiro, vê-se que respeita e admira a obra e o author. Se aproveita a fórma e caprichosamente a inverte no sentido comico, inclina-se diante da idéa, e não a profana.

Nada tão espairecido e espontaneo como a imitação da invocação do canto I. Os metros, rindo e folliando, não deixam escapar uma imagem, uma intenção de phrase, ou uma bellesa de estylo que não traduzam, e com que relevo e com que sal, da elevação quasi epica do inspirado cantor para o soalheiro mordaz da maligna musa, que Thalia faz a confidente predilecta dos gracejos, que não ousa repetir nos palcos sujeitos ao imperio do codigo classico!

O sr. Roussado provou n'este certame, sustentado com lustre, e sobretudo sem a menor apparencia de esforço, que sabe observar, que póde achar a fórma e o conceito apropriados ao assumpto, e que é capaz de vestir a moralidade e a critica de trajos, que, sem falsas pompas, as enfeitem e embellesem.

Prosiga, trilhe a carreira e atreva-se ás alturas do genero. O ensaio bem succedido deve estimular-lhe a veia jovial. Se não lhe aconselhâmos novas parodias, porque, já o dissemos, as parodias pouco nos tentam, não hesitâmos em lhe indicar o poema puramente comico e a satyra de costumes, como decidida tendencia da sua vocação. O sceptro está vago e ainda jaz aonde o deixaram Diniz e Macedo. Não receie chegar-se e estender a mão para elle. Mais dois passos, como o que adiantou, e não terá que invejar a alguns de seus predecessores.

L. A. REBELLO DA SILVA

(*Jornal do Commercio* de 29 de março de 1863)

III

. . . .
. . . .

Acabei de ler o livro de Manoel Roussado: *Roberto, ou a dominação dos agiotas*, o supremo elogio d'este genero é rir-se a gente. O poema heroi-comico de Manoel Roussado tem sal bastante, e algumas vezes sobeja pimenta. Muitos paladares haverá que se queimem; e mais engenhoso seria condimentar o acepipe ao sabor de todas as boccas. Mas quem pede contas assim austeras á satyra? Sou eu, meu amigo, que tão parco fui de ceremonias com as victimas, quando cuidava que cada escrevinhador tinha do alto uma missão reformadora, e, como sacerdote da civilisação, se obrigava a immolar ao progresso em cada folhetim um bode estropeado de velhice ou uma ovelha tinhosa. O mundo e a boa razão estão vingados de mim. Começo a achar nedeas as ovelhas, e cordeirinhos saltitantes os bodes. Estou com elles e com ellas no mesmo

curral, á espera que Manoel Roussado e os da sua geração nos immolem.

Os mais sabidos relanços da epopêa de Thomaz Ribeiro estão chistosamente e com muita felicidade parodiados. As *flores de algibeira* tem infinita graça, no canto intitulado: *incendios do coração.* Este é um dos quadros mais a primor d'esta galeria de caricaturas. Em todos os outros ha muita e portugueza graça.

A esta hora o poema é já muito lido em Portugal: não espanta que se hajam vendido tantos exemplares; mas é raro egual exito em livro de author, que publíca o primeiro.

Manoel Roussado deu boa conta da sua vocação n'uma *Revista de anno*, que corre impressa, e foi muito applaudida no Gymnasio. Tem apenas vinte e nove annos aquelle rapaz que ali vês com um aspecto grave e umas barbas que parodiam o antigo capitão-mór! Quem o vê, e o não conhece, atarefado em discortinar mysterios politicos, presume que está ali um homem capaz de resolver a questão sanitaria dos arrozaes! O author do *Roberto*, como tu sabes, é um alegre observador, que só póde estar serio, quando se disfarça para surprehender algum *ridiculo* em flagrante.

Manoel Roussado está n'um paiz novo que lhe dá muito ar por onde braceje, na certeza de que a cada pescaria de *ridiculos* que tentar colhe abundante redada. Precisa-se d'este ramo da sciencia. A parodia é uma sciencia, em quanto a mim, porque ensina os tolos a fugirem de serem postos em irrisão. No *Roberto* figuram tolos incorrigiveis; mas a culpa não é da sciencia.

Teu

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(*Revista Contemporanea* de novembro de 1862.)

A LISBOA

Minha Lisboa, meu amor gentil,
casquilha dama de fallar pedante,
ama de leite de poetas mil;
meu *Gremio Litterario* fulgurante,
litterario porém na bisca vil;
meu theatro normal sempre em vasante,
minha noite ventosa do passeio,
sereis até á morte o meu recreio.

Quem desdenha de ti, ai! ladra á lua;
ou nunca viu as tuas *Lolas-Montes,*
ou nunca ao pôr do sol, na praça tua,

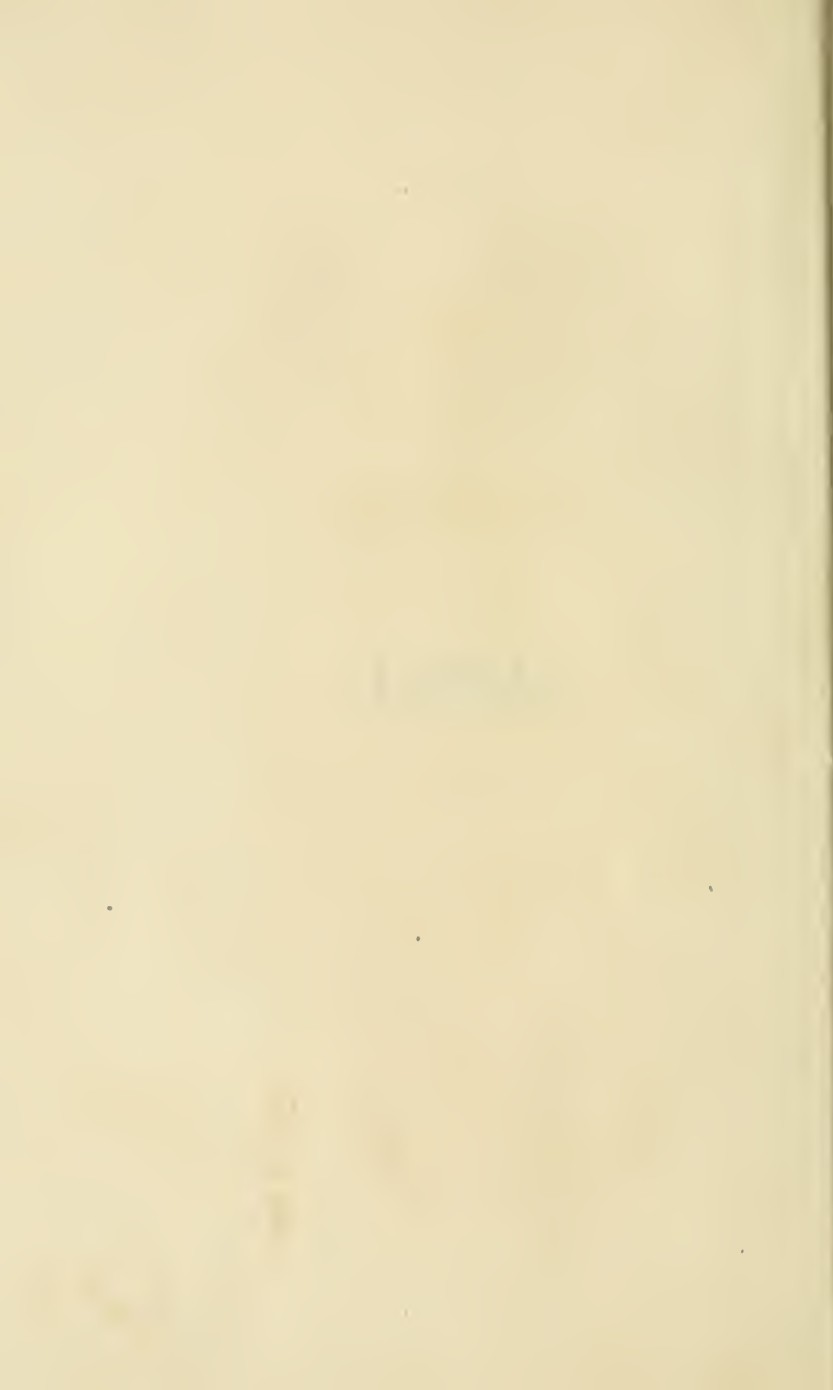
viu negros de poeira os horisontes;
d'inverno ondas de lama em cada rua,
as biqueiras correndo como fontes:
nem de teus anjos, divinal cidade,
sorveu n'um beijo nuvens d'alvaiade.

Tres testemunhas tens, que ao mundo inteiro,
Grandes hão de levar-te a ingente gloria,
Tanas, o *Joãosinho* e o *galheteiro*;
Tanas, fez-te n'um *poço* a nobre historia.
Joãosinho, o famoso, o audaz guerreiro,
do mar tira um brazão d'alta memoria.
—*vide* os nobres feitos do soldado
nos longos relatorios do pescado.—

Joãosinho na lida porfiosa,
cançado de correr largos desvios,
vem descançar da vida gloriosa,
brincando co'os peixinhos dos teus rios:
pois quando n'outra idade mais ditosa,
lhe deste á escolha o premio dos seus brios,
mais loiros quiz pescar; co'a rede e sondas,
brandiu a espada illustre sôbre as ondas.

Do *Borratem* ouviste o seu lamento,
ó triste e solitario galheteiro!
Tens por estatua o sibilar do vento,
por adorno as golphadas de aguaceiro:
depois que te alagou n'um só momento,
o patriota *poço metingueiro*,
se nú ficaste assim tão indecente,
por ti ficou vestida muita gente.

Por ti só canto, meu amor gentil,
casquilha dama de fallar pedante,
ama de leite de poetas mil,
meu *Gremio Litterario* fulgurante,
litterario porém na bisca vil;
meu theatro normal sempre em vasante;
em premio deste meu cantar primeiro,
ó patria, não me faças conselheiro!

CANTO I

CANTO I

Flôres da Baixa

As flôres da Baixa são falsas, mas bellas,
arômas d'almiscar, pintadas as côres,
os *pés* encolhidos, *d'arroz* são as *folhas*,
suspiros fingidos, de *cassa* os *amores*.
quereis um raminho, leitor namorado?
pois ide ás modistas ahi do Chiado.

Como és tão fresca e formosa
minha praça da Figueira!
tão verde, tão buliçosa,
tão animada e cheirosa,

em noites de São João!
como gallego enfeitado,
em dias de confissão;
com seu collete encarnado;
sobre agudos collarinhos,
chapéo redondo apoiado;
e um mar de mil quartilhos,
na barriga encapelado;
tendo na mão e no peito,
dois ramalhos de alecrim!
Não achaes o quadro bello?
Da praça a festa é assim.

Junto á praça da Figueira,
mora a familia Aguiar,
n'um pequeno quarto andar,
de tres janellas sómente.
Era a casa frequentada,
de gentinha impertinente,
desses visinhos da escada,
que visitam noite e dia.

Esta familia Aguiar,
ali móra ha já muito anno;

faz agora o sexto inverno,
o num'ro, se não me engano,
é trinta e cinco moderno.
Tem á porta na hombreira,
alvas cruzes de parteira;
e tem mesmo ao pé da porta
uma loja de capella,
com mulheraça tão bôa,
que não se encontra mais bella,
n'outra rua de Lisboa.

José Pedro d'Aguiar,
realista capitão,
no pequeno quarto andar,
era quem pagava o pão.
'Stava em cima o cabralismo,
tornado por despotismo,
cutello de demissões;
e elle, o bom capitão
das hostes de Dom Miguel,
chorando os tempos passados,
da caceetada a garnel,
alguns patacos ganhava,
n'um cartorio de escrivão,

e só prazer encontrava,
nos artigos da *Nação*.

Guardava como encantada,
em secreta gavetinha,
fitinha azul-encarnada,
como cabello de filha,
ou carta de namorada;
e nunca passava um dia,
que elle a deixasse de vêr.
Desdobrava-a sobre a meza,
mirava-a, doido de amôr,
e apertando-a no pescoço,
e puxando-a bem co'os dedos,
como se fôra enforcar-se,
lá segredavam segredos,
rezando por intenção,
do caro Telles Jordão.

E ao dizer-lhe o—*adeus extremo*,
fechando-a na gavetinha,
sempre uma gôta cahia,
no seu emblema de fé,
que a mente não adivinha,

se era pranto que vertia,
se era pingo de rapé.

Mas seja pranto de dôr,
seja pingo do nariz,
sempre uma nodoa castanha,
na amada fita nascia
no dia seguinte o velho
igual scena repetia,
E o—adeus—lhe prespegava
outro pingo em cima della;
de modo que a tal fitinha,
'stava pedindo barrela.

Porém agoa era infamante
na fita azul-encarnada;
se fosse um dia lavada,
sómente em sangue o seria,
se não vae á lavadeira,
não é por economia.

Dois filhos tinha o bom velho,
orfãos de mãe gastadora,
e má rez. Gemios, espelho,

dos dotes da tal senhora
eram esses dois rapazes;
que a esposa, morta de parto,
nas finaes horas tremendas,
por deixar de si lembrança,
lhe largára aquellas prendas.

Roberto, o peior dos dois,
era bonito e bem feito;
alto, mui largo do peito,
bigode preto-carvão;
sempre ás ordens de cupido,
a todas fazia a frente,
tinha a fama de atrevido,
passava por maganão.

Andando sempre na *pandega*,
largos calotes pregava,
tambem azas apanhava,
mas da femea do perú;
se á noite ía á *espelunca*,
que a decencia escandalisa,
jogava a propria camisa,
e chegava a casa nú.

José, esse era um hypocrita,
gesto meigo, olhar sereno,
fallar pudibundo e ameno,
maneiras de sachristão;
de corpinho á boa vida,
seguia pela calada,
o trilho do seu irmão.

Taes as duas bellas joias,
que o pobre pae educou,
essas duas obras posthumas,
da serpe que se finou.

—«Rapazes, a noite é linda,
e a praça jaz apinhada,
vamos, na rua, fujamos,
de portas e tectos, paredes e escada.

Quem póde esta noite de Junho tão quente,
ouvindo na rua tão grande folia,
em casa mettido ficar indolente,
sem ir ser pisado da malta bravia?

Eu velho mal vejo com olho invejoso,
as moças vermelhas que endoidam d'amor,

irá pois comvosco este velho gotoso,
saudar São João,
que a todos diverte,
na praça vestido de mato cheiroso,
saudar São João
com rôxo licôr.»—

. . . .

. . . .

Assim desceram gritando,
todo aquelle quarto andar;
os filhos rindo e saltando,
e o pae tambem a saltar;
tambem como elles pertende,
os degráos que não são baixos,
a quatro e quatro galgar;
dá nas portas encontrões,
e vae sempre resmungando:
—«vocês não podem andar,
que vergonha, mandriões!»—

E a visinhança da escada,
clama ouvindo os taes sandeus,
—«que santos brutos, meu Deus!»—

Inda bem não chegava á rua o velho,
e dava o derradeiro trambolhão,
já Roberto e José tinham fugido,
deixando só e triste o capitão.

Foi á praça o pobre velho,
foi sentar-se ao pé do poço,
enchendo o vasio da alma,
com pitadinhas do *grôsso*.

Vou desenhar um retrato,
inda que seja a carvão,
que vos dê os traços feios,
dos filhos do capitão.

Um dia..... quando não sei,
fui fazer uma visita,
ao conselheiro Amaral,
da minha antiga amizade,
casa que fôra algum tempo,
das ricas de Portugal.

Achei-a toda despida,
do que houvera ali de fino,

salas nuas, vidros sujos;
como casa com escriptos,
que espera novo inquilino.

Vi-lhe os papeis já rasgados,
sem tapetes os sobrados,
sentí máo cheiro no ar;
quatro cadeiras quebradas,
as portas desconjuntadas,
e as taboas já despregadas,
dos tectos a desabar.
E perguntei: — «o que é isto,
o conselheiro opulento,
deixa a casa entregue ao vento,
e vae distante morar?...» —

Certo agiota matreiro,
n'esta casa se metteu,
e ao dono algum dinheiro,
com pouco juro off'receu;
de Amaral o genio espreita,
o seu genio ao delle ageita;
a sua offerta renova,
(o conselheiro rejeita)
insta, supplíca, e venceu!

Já vae recebendo o juro,
que multiplica a vapor,
quando empresta quatro contos,
de vinte se faz credôr.
As quantias emprestadas,
são já sommas avultadas,
e o amigo não recua.
Todos os bens possuindo,
mesmo as joias da senhora,
faz-lhe em casa uma penhora,
e tudo lhe põe na rua.
Sairam as carroagens,
os bellos trastes doirados,
fecharam-se aquellas salas,
despediram-se os creados;
e o nosso bom conselheiro,
já sem um pinto de renda,
ás vezes, quem tal diria!
almoça quando merenda.
Que o agiota matreiro,
em tres annos e um dia,
roubou tudo quanto havia,
sem ter crime de ladrão.

São como o tal agiota
os filhos do capitão.

Ia chegando á praça o rancho immenso
das sobrinhas do nosso capitão,
com sete primos namorados dellas;
no coucc desta alegre procissão,
a descuidada mãe, e o pae sisudo.
Quem quizer alegria verdadeira,
vá uma noite á praça da Figueira.

E novos e velhos ao ver José Pedro,
como se topassem o grande Alcaparra,
pararam de prompto, cercaram-n'o logo,
e todos gritaram fazendo algazarra.

—Tio Zé Pedro.—Tio Zé Pedro.—
—Venha d'ahi em charola.—
—Compre peras. —Um palmito.—
—Dois grilos. —Uma gaiola. —

Assim se exclamava em côro,

e o ranchinho folgasão,
puchava as pernas e os braços,
do atordido capitão.

Quem soffreu já *troça* igual,
tão doida, mas não por mal?

Estas palavras desprende
José Pedro d'Aguiar,
para as furias abrandar:

— «Com que então vejo aqui sete sobrinhas,
que nem a benção pedem ao seu tio?» —

— «Sua benção, meu tio... » —

— «A boas horas! O seu tio, sobrinhas,
quando vê suas bençãos desprezadas,
já não compra cerejas, nem queijadas.» —

— «Sua benção, tio, — sua benção, tio. —
— «Que endiabradas que estão! Vosso pae
como ha de achal-as bem!...
elle não vem?» —

—«Aqui estou, meu amigo, envergonhado
por não lhe ter fallado.
Porém... meu José Pedro, a sorte ás vezes,
ai! faz-nos dar tão grandes camballiotas...
Eu tenho rebatido os ordenados,
e os duros agiotas,
foram, valha-me Deus, os meus peccados.

Para o Rio de Janeiro,
hei de hoje mesmo embarcar,
não o disse a esta gente
que não a quiz desgostar.

Para descanço d'est'alma,
vou a familia testar.

Deixo a minha mulher á Providencia.
filhas Caetana e Carmo á sorte amiga,
Cath'rina e Rosa á provida Clemencia;
muito melhor Camilla ficará,
pois deposito a filha tão amada
nas protectoras mãos do —*Deus dará;*
deixo Roberta á divinal mercê,
e deixo a Ch'ristininha... a voc'mecê.»—

Do pae a lista sentida,
findou na filha que adora,
enchugou pezada lagrima,
disse — *adeus* — e foi-se embora.

Julgae as scenas seguintes,
a tão grande trapalhada,
que eu na praça da Figueira,
não quero maior massada.

CANTO II

CANTO II

Os incendios do coração

Que edade tão divertida,
a dos vinte annos! — Não é?
levada aqui em Lisboa,
no Passeio e no *Café;*
em que a genebra amortece,
a luzinha da razão;
em que uma ternura chronica,
nos diverte o coração;
em que o joven tem namoros
nas salas e no balcão,

castanhos, negros e loiros...
até no sujo saguão.

Dos vinte annos a folia,
quem pôde roubar-m'a assim?
Que é dos olhos com que eu via,
em cada mulher pintada,
uma face avermelhada
de casto rubôr por mim?
Sem saber que era arranjado,
co'a fina comprada côr,
e que a droga do logista,
me dava as horas de amor?
Que é do tempo em que chovia,
sem eu procurar abrigo?
Em que eu feliz encontrava
um chupista em cada amigo,
um credor a cada esquina,
no Passeio, e no *Café?!*...

Que idade tão divertida,
a dos vinte annos! — Não é?

Era uma alcova de bom pé direito,

cama de ferro, e não das mais em conta;
uma janella só, baixa, e de peito;
a tres cadeiras a mobilia monta.
Pelas portas o fato pendurado,
e pontas de cigarro no sobrado.

José sentado na cama,
no joelho o cotovello,
c'o a mão esquerda puchava
as ondas do seu cabello.
Na sesão da poesia,
com lapis mal aparado,
em pardo papel fazia,
versinhos de pé quebrado.

Sobre a cama estatelado,
postos os pés na parede,
sem um trapo no pescoço,
o cabello desgrenhado,
Roberto roia as unhas,
curtindo um negro cuidado.
De quando em quendo raivoso,
batia vertiginoso,

na parede co'os tacões.
No seu roer desesp'rado,
os seus males se mostravam
e as pobres unhas pagavam
as intimas afflições.

Em uma taboa forrada,
posta sobre uma cadeira,
oh! que linda engommadeira,
engommava uma camisa!
era a nossa Christininha,
a sobrinha do Carrilho;
como está tão fresca e bella!

Vaes queimar esse peitilho,
se aos dois rapazes dás trélla.

Emfim Roberto o silencio,
d'esta maneira quebrou:
—«que fazes tu ó José?»—
José o lapis largou,
respondeu com voz sumida:
—«Singela trova sentida.»—
—«Deixa lá vêr essa asneira.»—

— És patela! Ouve o meu canto,
— elle é:

Flôres d'algibeira

Sterlinas libras que dominam bellas,
ai! amarellas, de tão linda côr;
tem atrativos e são convincentes,
são eloquentes expressões de amor.

A meiga libra sobre nós derrama
lucida chamma, sem o ardôr que mata,
tel-a no bolso é dos mortaes a gloria,
pois a Victoria com primor retrata.

Que amenidade, se nas algibeiras,
tinem fagueiras, alentando as fibras,
se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
na face bella se achará das libras.

Filhas do oiro, bem como o oiro puras.
de mil venturas corretoras bellas,
se a sorte grande me saísse um dia,
ai! que folia me não davam ellas!

Se desgraçado pelo amor trahido,
já tens sentido pela vida o tédio,
ai! não te mates, comprarás cautellas,
nas amarellas acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dorido,
vendo estendido seu marido morto,
embora a dòr lhe despedace as fibras,
herdando libras logo tem conforto.

Lá quando a morte resfriar meu coiro,
cubram-me d'oiro meu gelado cólo,
na tumba escura já eu seja, embora,
saltando fóra, dançarei um sólo.

—«Esse canto d'algibeira,
entre nós vae muito bem,
aqui 'stamos *á divina*,
ha seis dias sem vintem.
Tambem não tenho cuidados,
dão-me comer e cigarros...—

—«Ah! Roberto não desfarces
para cá vens de carrinho;

andas tão amarellinho,
conta para ahi o que tens.
Não queres? Pois vou contar-te,
o que inda esta noite vi:

«Deu meia noite,
dois fosforos esfregaste;
accendendo a lamparina,
te levantaste em seroulas,
minhas calças enfiaste,
vestiste a minha quinzena,
do pai pozeste o *bonet*,
e quatro vintens levaste,
neste meu *porte-monai*.
Lá foram pela cancella
o dinheiro co'a *farpella*.
. . . .

Era quasi manhã quando voltaste
cheio de terra e pó até aos olhos,
e logo que no somno bem pegaste,
    ergui-me, pé ante pé,
    fui tiritando com frio,

abrir o *porte-monai*,
encontrei-o já vasio!

Depois levaste d'um somno
seis horas mais um minuto,
almoçaste como um bruto,
e estás ahi feito um mono.
Nada mais sei nem pergunto,
mas bem vês....» —
— «Que sabes muito,
mas inda não sabes tudo.
Não saias minha irmã, senta-te ahi,
eu não tenho segredos para ti.

«A feira de Belem, fui ha dois annos,
do nosso bom Moraes em companhia;
saltamos nas queijadas. Quando entramos
na barraca da Chica, lá entravam
um ratão com seus filhos;
e logo ali disseram, quem não sei,
que de todos fidalgos conhecidos,
eram irmãos, e primos, e sobrinhos,
e tinham por herança dos avós,
excellencia de lei.

Chamava-se Francisco Perdigão
o pae que fôra capitão da Carta,
do Joãosinho tambem major pimpão;
era agiota e bruto e conselheiro,
e d'olho o tinham já para barão.
Tinha elle a presumpção de bem fallante,
era mais rico ainda que o *Pão quente;*
se fallavam n'um conde—é meu parente—
acudia o conselheiro.
E já por de seus paes costume antigo,
só era da barriga um bom amigo.

Tinha dois filhos, homens já barbados,
um Camillo, outro João,
dois pedantes dos mais aprimorados,
olhavam para mim com insolencia,
pois eu estava vestido com decencia.

Resta fallar aqui d'uma carinha,
d'uns olhos, d'uma bocca, e d'um nariz,
d'uns braços, d'um pescoço, e d'uns cabellos,
que a Bernardi não tinha mais gentís.

Cabellos em bandós, fartos e grandes,

de nariz bom pedaço mas bem feito,
era miope, e quando me fictava,
as palpebras cerrava com tal geito....

Comeu com tanta graça dez queijadas,
com tal mimo bebeu licôr de rosa,
tal sorriso me deu limpando os labios,
que fiquei dessa luz a mariposa.

A filha do conselheiro,
que tão bonita nasceu,
estava ali perdidinha,
por este creado seu.

Sobre as queijadas de Cintra,
fallava com tal primôr!
os olhos que me deitava,
faziam-me um tal ardôr!

Enlevado em seu sorriso,
eu era um baboso ali;
na barraca um paraizo,
junto á Chica uma houri!

Não sou de meias medidas,
de meios termos não sei;
amo só por atacado,
eu sou assim—todo amei.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Que tempo se passou, em quanto nós
no *omnibus* viemos, não n'o sei;
depois, do Pelourinho,
atrás della segui té o seu ninho,
que é no largo do Carmo. Entrou; parei.

Com'nosco veiu ter,
Francisco Perdigão;
temendo os miliantes,
que o seguem tão constantes,
da barraca da Chica,
té ao largo do Carmo!
Tinha razão.

E perguntou:—que estão aqui fazendo?—

quiz responder por mim o bom Moraes,
que de mêdo ficou logo tremendo.
Tudo contou n'um minuto,
do nosso amor. Forte bruto!
Té foi dizer o nome de meus pais.

Redarguiu-lhe o conselheiro,
que logo vira quem era,
um pé fresco, um sevandija,
que o nosso pai conhecia,
por ser um grande brejeiro,
um miguelista vil, um caloteiro.

Eu co'a face afogueada,
respondi-lhe que mentia;
que descompôr o meu pai,
obra não era tão pouco arriscada,
que alguem a fizesse
sem cara quebrada.

E nisto cá dentro,
senti alvoroto,
d'ouvir o marôto,
fallar de meu velho.

Aquella cara estanhada,
como estava assim ficou,
e sómente resmungou:
—então não querem ouvir?
diz este grande patife,
que as ventas me vem partir!—

—Sôr barão, ou quer que seja,
peça a Deus, que eu não lhe dê,
com estes dedos na cara;
pois se lhe prego uma sova,
abre co'os ossos a cova.
Mas estão ali seus filhos,
com fumaças de valentes,
a esses posso mostrar-lhes,
como se quebram n'os dentes.

Co'os filhos me não peguei,
que a sentinella nos via,
mas disse:—vou para casa,
passo pela Cotovia.—

Pela calçada do Duque,
parti logo como um raio;

tomo ao Rocio, Passeio,
Annunciada, Alegria,
subo as escadas, e paro,
no cimo da Cotovia;
eu só, ninguem mais havia,
nesse deserto logar,
agoa a cantaros chovia.

Correram tres quartos d'hora,
quatro cigarros fumei,
pensando nos meus amores,
e pedindo a Deus por *ella*,
e já com dôr na canella.
Olhava em roda—chovia,
e nem viva alma se via.
'Stavam talvez recolhidos,
os dois illustres pimpões.

Mas a chuva aliviava
começavam n'os pregões,
do gemebundo aguadeiro.

Voava o tempo ligeiro,
não tinha nuvens o céo,

e ninguem vinha. Por fim,
sinto patadas de burro,
e um vulto me appareceu,
ao longe; e vem para mim,
burro não, mas um gallego,
de seu barrete encarnado,
onde as orelhas se escondem.
Tinha as faces allagadas,
e as calças arregaçadas.
Parou e fallou-me assim:

— Boas noites *sô xanota.* —
— Adeus rapaz, quem procuras? —
— *Sô* Roberto d'Aguiar. —
— Eil-o aqui, podes fallar. —

— Trago aqui... —

D'algibeira do collete,
tirou logo este bilhete,
que ao brilho do gaz eu li.

«A Roberto d'Aguiar,
não vamos quebrar-lhe os queixos

para as luvas não sujar:
mande embora os seis tratantes,
que tem ahi embuscados,
para as bolsas nos roubar;
vá ganhar honradamente,
sua vida no trabalho,
repare que esse caminho,
ao Limoeiro vae dar.

Mas se tem um grande empenho,
de tomar vingança atroz,
ahi vae esse gallego,
para o ensinar por nós.
E boas noites, amigo,
do alheio.»

—Mariolas!

Gallego, a leitura disto,
ouviste?—

—*Baia que sim.*—

—Vês alguem?—

—*Baia que non.*—

—És aguadeiro da casa?—
—*Sirbo* os patrões desde os *Reis.*—
—Toma lá esta *de seis.*—

— *Baia* que é só um *toston.* —
— Aqui tens mais um vintem.

Leva esta carta á menina,
mas olha bem, só a ella,
repara não veja o pai,
percebes?
— Percebo. —
— Vae. —

Já vistes contorcer-se a ratazana,
apanhada em estreita ratoeira;
empinar-se nos pés,
curvar-se por mil traças,
ao sentir as negaças,
da esperta cosinheira?

Chiar buscando evadir-se,
co'os olhos esbogalhados,
indo trepar-se furiosa
nos arames engradados,
depois com fome damnada,
roer da isca o espigão?

Ratoeira era o meu peito,
ratazana o coração!

Na noite immediata, ás onze e meia,
pela casa passei desses tratantes,
que zombaram de mim.
E vi-a debruçada na janella,
encostada na mão a face bella.

Só á porta do Carmo,
a sentinella achei.

— Quem vem lá?—
— Gente de paz.—
— Que faz parado? que é isso?—
— Camarada, é um derriço.—

Abriu-se a porta, subí.

Pae e filhos ressonavam,
e a donzella recatada,
o casto pudôr venceu,
e veiu esperar-me á escada.

Ai! tu não sabes de certo,
os pulos do coração,
quando a esperta namorada,
nos aperta a nossa mão,
e nos diz em voz sumida,
— entre... descalce os botins —
e nos leva, manso e mudo,
suspensa a respiração,
ella em palmilhas de meias,
e nós... de butes na mão;
só a ouvir-se o rabecão,
de um pae velho a ressonar,
ai! não sabes, meu irmão!

Entrar na escura saleta,
dar abraços sem cautella,
olhos e labios beijar,
e beber nos olhos della,
um decalitro de amor.
Ai! tu não podes julgar,
como é veloz a mulher,
que em logar de coração,
possue no peito um *wagon*,
que não cessa de correr!

e no amoroso carril,
de gostosa exploração,
faz dois annos em dois dias;
hoje sáe chega ámanhã,
á derradeira estação.

Se alguem te disser que não,
manda-o p'ra cá, meu irmão.

Se os beijos dão saude ao pobre enfermo
já não quero o Raspaill á cabeceira,
pois não desejo morrer.
Se os beijos tem resalgar,
se ha beijinhos assassinos,
venham mil desses meninos,
para morrer a fartar.

Sahi, dava meia noite,
quantas estranhas mudanças,
não senti no coração!
Subí descalço d'esp'ranças,
descí de butes na mão!

Desde essa noite de amoroso enleio,

poucos dias ou noites tem passado,
sem os olhos fitar da minha bella,
no banho, no Gymnasio, ou no Passeio.
Amo-a, sigo-a, e adoro-a desesp'rado,
como o pavão ministro a pasta adora,
em noites de tumulto,
entre os degráos da escada salvadora!!» —

Aqui findou Roberto a narração,
pois entrava no quarto o capitão.

— «Chegae-vos — disse o bom velho
— aqui bem junto de mim,
que tenho que vos contar;—
e com voz tremula e meiga,
depois de quatro pitadas,
de tossir e de escarrar,
grave e triste disse assim:

— Nas hostes do infeliz Miguel Primeiro,
sabeis que pelejei contra os malhados,
mostrando aos cidadãos os bons principios,
co'a razão de marmello nos costados;
entre outros foi o tio desta menina,

á esquina da travessa da Queimada;
era malhado, e d'uma cacetada,
miguelista ficou de coração.
Heitor Pedro foi nosso camarada,
era ahi nessas ruas um leão!
quando veiu a lib'ralada,
dependurado o vi n'um lampeão.

Não nos matou a força dos malhados,
foi a nossa fatal desunião,
nunca faltou cacete para elles,
graças a Deus!
muitos queriam só mandar os seus,
e ficamos assim, sem páo, nem pão.

Quem espera venturas nesta terra,
é louco!
Quem as pernas ao seu paiz afferra,
só para não deixar a patria amada,
embora a patria só lhe dê caçada,
e o prenda ahi nas ruas a cordel,
deseja mal e pouco.
Sacrario de verdades é o livro,
do José Daniel:

Portugal, Portugal não te conheço,
quanto mais em ti penso, mais padeço.

E tu amas, rapaz, sem um ceitil,
julga que amantes pobres,
só alcançam victoria indo ao Brazil,
vender n'uma tenda,
pegar n'um barril;
e depois vindo amar a joven meiga,
se não ficar o amor entre a manteiga.

Até porque, meu Roberto,
o dinheiro abafa as dôres,
de inexequiveis amores;
ou morre o homem por lá,
a digerir o pirão,
ou surge o homem por cá,
revelando em cada libra,
o seu sangue de barão.—

— Primeiro — disse Roberto,
ha-de ouvir esta cartinha,
que me poz o peito aberto;
ora veja:

—«Meu amor.
Estimarei que estas regras,
te vão achar de saude;
eu cá vou indo peior,
té que chegue o ataúde,
alivio das desgraçadas,
e cofre de um peito amante.

Nestas linhas mal traçadas,
te faço participante,
que vae por cá o diacho,
vae um grande reboliço;
e se remedio não acho,
ponho termo á triste vida,
e vou da janella abaixo.
Da tua que até á morte
já te deu o coração,
Amante. — Camilla Augusta
da Trindade Perdigão.»

. . . .

Ergueu-se José d'um pulo,
e ao velho disse:

—Meu pae,
Sou eu que devo partir,
serei tendeiro por ella;
e á força de economia,
se não mente o coração,
ganho para meu irmão,
a posse da sua bella,
vendendo arroz e canella.—

. . . .

— Portugal, ingrata patria!
Um filho te vae deixar;

. . . .

Deus! entrego-te meus filhos!
Christina vamos jantar. —

CANTO III

CANTO III

A vela

Ricos patifes do mundo,
vêde este quadro, mas antes,
vou dizer-vos coisas feias,
vou descompor-vos, tratantes!

De vossas filhas singelas,
fazeis-vos uns vendilhões;
andais sempre ahi com ellas,
apregoando as donzellas,
como quem vende melões.

Fazeis do amor o mais puro.
um scelerado, um bandido:

enforcaes os corações;
eis o requinte sublime,
de um carrasco de cupido!

Quantos de vós gritareis:
— Ó da guarda! — contra a filha,
que fugiu pela janella?
Irra!
Não venham municipaes,
deixem gritar esses paes,
deixem fugir a donzella.

O homem que á filha ensina,
os bons caminhos do amor,
que a leva á tarde ao Passeio,
e ao Marrar do Chiado,
para ver o namorado.
Que lhe compra o papelinho,
de alegoricos enfeites,
que ao namoro é destinado;
e para formar-lhe os creditos,
com epistolas frisantes,
por um cruzado lhe compra,
o *Secretario de Amantes;*

é homem de coração,
merece a nossa affeição;
um homem tal encontrae,
cumprimentae-o, que é pae.

Mas o que de olhar avaro,
anda a contar brazileiros,
que chegam *di lá* solteiros;
e não ouvindo conselho,
grita ahi pelas esquinas:
— *Quem me compra estas meninas?* —
não é pae é ferro-velho!

Junto á Praça da Figueira,
erguí meu canto de amor,
ai! quizera mais palmitos,
encontrar o trovador.

O poeta é delicado,
tem linguagem fagueira;
mas quando a sucia opulenta,
lhe chega a mostarda á venta,
é fugir da regateira.

A casa dos nossos boçaes Perdigões,
já para á Outra-Banda está sendo mudada,
no chão da cosinha, Camilla sentada,
chorava e escrevia fazendo borrões,
á luz de uma vela
de cera amarella;
a mesa era a ruma de quatro colxões.

As lagrimas correm, o solto cabello,
o pranto sentido co'a tinta mistura,
as letras confunde borrando a pintura,
e suja um dedinho tão fino e tão bello!
E á luz dessa vela
de cera amarella
em mil garatujas traduz seu disvello.

Ao pé dos colxões pobresinho innocente,
dormindo tranquillo de saias coberto,
soltára um gemido, tão debil e incerto,
que além de Camilla ninguem o presente:
e a luz dessa vela
de cera amarella,
batia na fronte do tenro vivente.

Camilla estendera os braços,
e n'um delirio amoroso,
apertava contra o peito,
esse corpinho mimoso.

A carta não acabada,
no lindo seio metteu,
ouvindo passos pezados,
pôz no chão o innocente,
e levantou-se e tremeu.

A porta rodára nos gonzos veleiros,
entraram seis vultos, sinistros, calados,
irmãos de Camilla que vinham cercados,
dos homens dos fretes, fataes *mudadeiros*,
que á luz dessa vela
de cera amarella,
se viram chouriços de quatro aguadeiros.

Quem acode á pobresinha,
que defensor já não tem?
pois se não sahir a pé,
irá na maca tambem.

Roberto, corre, não pares,
se amas, se és forte, vem já,
se um momento só tardares,
Camilla por onde irá?

Não ha visinho da escada,
não ha gallego boçal,
que mostre ao pobre Roberto,
esta mudança infernal?

Pobre Camilla na cosinha choras,
e sem abrigo e só, coitada, esperas,
ir terminar com prantos em Cacilhas,
as tuas dezanove primaveras!

— Já! meus irmãos! — diz ella — já! tão cedo?
olhai que não piseis este innocente,
tão formoso, tão branco, e tão sem medo,
tão quietinho aqui, e tão dormente!

Tão amigos que fomos em pequenos!
e agora só vingança em vós eu leio;
neste momento extremo, ai! que saudades,
tenho das minhas noites do Passeio!

Deixai-me aqui ao menos esta noite!
Faze-me isto Camillo, mas tu gritas?
Ah! faze-m'o eu t'o peço pelo tempo,
em que tu me trazias ás cabritas.

A estas meigas palavras,
que bruto se não rendêra?
Não, não ha bruto tão bruto,
que não tenha um coração!
Só se não rendem os filhos
que d'um feroz agiota,
tem as entranhas de pedra,
que em juros se farta e medra,
sómente o usurario, não.

— Põe o chapéo e partamos,
dize ao Carmo o extremo adeus;
vão levar estes gallegos,
esses trastes que são teus;
se não tens vergonha delles,
faze aqui essa *toilette*,
eu te aperto o teu collete;
se não vês, esperta a vela
de cêra amarella?

Que faz Roberto? onde o prendem,
que a toda a brida não vem?
Ha quasi um mez que se esconde,
que o não descobre ninguem,
e nem seu pae sabe aonde,
nem Camilla, a descontente,
nem o faro impertinente,
dos cabos da freguezia,
que o procuram noite e dia!

Na freguezia dos Martyres,
da qual é bom freguez o conselheiro,
e juiz da irmandade e protector,
Estanisláo José do Nascimento
era então regedor.
Droguista e boticario,
que só então no sitio dominava,
das drogas eleitoraes,
aviava o formulario.

Facil foi a Perdigão,
achar neste regedor,

a seu querer protecção.
Denunciaram Roberto,
por vadio e refractario;
que é bem boa entalação,
para quem não tem resalva,
e Roberto era filado,
se o não tivesse avisado,
mensagem do coração.

Debalde correm *cafés*,
debalde o esperam de noite,
parece qne o refractario,
tem boas azas nos pés,
que tanto foge e se esconde!
Nem a tal zelo responde,
o mais ligeiro signal,
que prometta a Portugal,
o desejado recruta,
e ninguem vel-o desfructa.

E não fugira Roberto;
anda de noite tão perto,

e não ha ninguem que o veja;
era a coruja sinistra,
piando em torno da igreja.
Lá vae ao largo do Carmo,
e escuta de porta em porta,
e só foge se ouve bulha,
comprime o arfar do peito
e não encontra patrulha,
que o apanhe por suspeito.

E já no bairro corria,
que de todo se mudava,
Camilla para a Outra-banda,
e que em Cacilhas casava.

Roberto o ouviu... n'um momento
lhe disse um presentimento,
que não.

Esta noite ás nove e meia,
elle no Carmo embuscado,

viu passar uns quatro fretes,
e expiou-os com cuidado.

Dentro da casa fechada
(eram dez horas e um quarto)
ouviu-se estranha fallada,
e o cãosinho de Camilla,
com desespero a ladrar;
e a debil voz da menina,
grossa e rouca de gritar,
dizer: — a *cova jaz perto!*

E da porta da cosinha,
saltaram gonzos e espelhos,
chaves, trincos e bedelhos,
e viu-se de pé Roberto.

Revela no fato sujo,
a miseria que o consome;
ar sinistro, olhar zarolho,
asp'ro cabello cahido,
lhe tapa a vista de um olho.
Era a imagem do assassino,
a estatua do máo ladrão,

faces cavadas com fome,
chapéo lustroso com cêbo,
cebento e rôto o capote.
E os dois irmãos atrevidos,
ao vel-o tremeram tanto,
que se agacharam de espanto,
de coc'ras atraz do pote.
Elle estoirou:

— «Miseraveis!
Eis-nos em fim rosto a rosto,
ai não provastes o gôsto
desta mudança infernal!

Resta fazer outra maca,
nem tudo se foi embora,
e quero cozer agora,
duas barrigas á faca» —

E co'o braço levantado,
contra os brutos investiu,
mas tropeçou no innocente,
que no sobrado ganiu,
e lhe mordeu a canella!

Cahiu, enterrando o ferro,
no couto duro da vela,
(de cera amarella)

Os dois irmãos traiçoeiros,
ao vel-o inerme no chão,
bem como dois colxoeiros,
cahiram a páo sobre elle;
sequiosos, esfaimados,
batendo ás cegas e forte,
gritavam os condemnados:
—*Falta ainda este colxão!*—

Roberto que os não ouvia,
mas as estrellas já via,
dizia:
—Muito obrigado,
não ha quem grite á janella?
Vê-de que bello mercado,
de graça tendes colxão!
Como eu apaguei a vela,
apagai-me esta paixão!
Vá com força! agradecido!
Sobre a esquerda e comereis

os biffes do coração!» —

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

Poucos momentos passados,
dão as torres o signal
de haver no sitio do Carmo,
medonho incendio, fatal.

Caro leitor, que me aturas,
nesta grande confusão,
anda vêr comigo o fogo,
na casa do Perdigão.

A porta da casa em chammas,
repara em Roberto afflicto,
de cabeça em tres quebrada,
assoprando n'um apito.

Agora vêde-o, coitado!
julga o pobre aventureiro,
que vão assar no brazeiro,

as formosas carnes *della!*
Quer metter a porta dentro,
que lá suppõe a donzella,
mas a porta não arromba,
grita, corre, acotovela,
e vae pôr-se a dar á bomba!

CANTO IV

CANTO IV

Doze annos de agonia

Bem custa o pezadêlo de uma noite,
soffrido em contorsões de ancias terriveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue procelloso
batendo como açoite,
c'o as rapidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguaes!
Quando os roncos de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varaes!

Bem custa o pezadêlo de uma noite,
levada a ver da cama
longas scenas de horrivel melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a phantasia a produzir comparsas,
e o vinho a referver de veia em veia!

O silencio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profundas, engrolando o *requiens*,
para extrahir de um morto os máos peccados.
A solidão povôa-se de gente,
morto, prior e sachristão, na frente!
seguem atraz os gatarrões pingados.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o sôlho mede.

Acorda no sobrado o agonisante,
olha, escuta, espantado,
os moços do *Lagoia!*
Estende a mão... encontra a lamparina!
Pergunta quem morreu, falla ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina,
do gato esperto a remiar distante.

unico som, na casa entregue ao somno.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chammejante,
pelo chão deslisa.

Ao morto quer fugir, não póde vêl-o;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pezadêlo;
carneiro com batatas não dá treguas,
se conversa comnosco!

Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, asp'ros, brutos, furibundos;
são dez, e vinte, e cento, e mais, e innumeros,
compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se
juros, penhoras, qu'relas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, resalta e se mistura,
co'as sombras da torvada phantasia.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o sôlho mede.

Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina,
vem achar os signaes dessa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
co'a mistura salina.

E que serão doze annos de agonia?
doze annos de sonho tormentoso,
doze annos co'a bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o goso?
sem *cavaco* no *Gremio Litterario*,
sem um sorvete á noite no *Martinho*,
sem um copo do *termo* no *Penim*,
sem bailar em nenhum noticiario,
sem ouvir da *Canaria* agudo grito,
sem nome no *Almanach de Lembranças*,
sem ter á perna um dia o *Braz Tizana*,
sem occupar o estro do *Agapito*,
sem coisas estudar transcendentaes,
sem habito da ordem — *San-Thiago*,
sem nas côrtes ouvir *Zé de Moraes?!*

Ao longe o fumo do incendio
de tão sinistros clarões,
inda encobre a face á lua,
quando no caes da columnas,
os tres filhos Perdigões
para Cacilhas embarcam.
E na pôpa da falua,
os labios dos dois tratantes,
entre risos delirantes
murmuram á mana sua:
—«Amanhã, ruinas tudo,
que de pé só fica o muro!
Camilla, que bom negocio!
Temos libras do *Seguro!*—

E cantando cigadilhas,
vão direitos a Cacilhas.

Seis mezes são já volvidos,
e na casa do Aguiar,
são tudo penas e dôres,
murmurações e chorar.

Morreu Roberto? É mysterio;
ou talvez á sombra esteja
ahi n'alguma cadeia;
diz-se tanta coisa feia,
e não se encontra o seu nome
nas partes do cemiterio.
Mas os cabos de policia,
não andam no seu fadario,
resfriaram desse ardor,
de encontrar o refractario.
Os bons visinhos da escada,
fallam de crimes horrendos,
e dão-lhe um negro labéo.
E o velhinho José Pedro
traz orleã no chapéo,
e a morena Christininha
anda em nojento desleixo,
lencinho amarrado ao queixo,
sempre em pastas o cabello,
e no pé rôto chinello.
Mas temos o mesmo arcano,
não está Roberto em Lisboa,
que já não vae ao *Toscano*.

Um dia tres sujeitos acciados
bateram no quarto andar,
limpam as botas com seus lenços brancos,
logo que vão entrar.
— «O senhor José Pedro d'Aguiar?» —
— «Seu creado, meus senhores.» —
E tira o seu barretinho.
— «A quem me cabe a honra de fallar?» —
— «A Justiça de Lisboa.» —
— «Ai que não é coisa bôa!
E a justiça de mim o que pertende?
Ponde o chapéo que está frio.» —
Acercara-se o escriba, e assim fallou:

— «Em nome do senhorio
como tres annos já deveis agora,
e quatro no São João,
ides soffrer, meu caro, uma penhora;
assás custa, eu bem n'o vêjo;
e tendes que sahir em meia hora,
eis, amigo, o mandado de despêjo.» —

Como um fosforo, o velho de repente,
se apruma, esguio e tremulo; um murro bate!

tem vermelho o nariz como um tomate.
levanta ao ar a descarnada mão.

—«Irra!»—lhe bradou convulso,
—«Irra! senhor escrivão!—
—«Mais conta em vós, senhor Pedro,
na casa do senhorio.»—
—«Na vossa, lobos famintos,
tendes os pintos por lei;
e vindes vexar a gente!
que saudades de meu rei!
É Lisboa lauta boda,
para essa justiça toda;
cães esfaimados comei.
Naquelle cantinho, além,
pende um cacete quebrado
de malhar muito malhado,
levai isso ao senhorio,
que ha de intendel-o tambem.

Eis-me pobre; tenho apenas
na algibeira dois tostões,
que darão para uns feijões,
e não me abrigam dos frios.

Mas á fé que ha de raiar
um dia alegre e festivo
que aniquile os senhorios.» —
O velho estava no almoço,
e tinha um panno cahido
preso em torno do pescoço;
desatou-o com presteza,
e arremeçando-o ao chão,
disse — «receba a avareza,
mais este pequeno trapo,
pois quem me leva as toalhas,
que me leve o guardanapo.» —

Desceu solemne as escadas,
hirto, sereno, altaneiro,
e na praça d'Alegria,
sentou-se o velho guerreiro.
. . . .
. . . .
. . . .

O sol era posto. Sentados n'um banco,
choravam coitados sem casa nem pão;
moroso chegava á travessa das Vaccas
um rôto mendigo de saco e bordão.

— «Uma esmola, bemfeitor?» —
— «Uma esmola, peço-a eu...
Como vaes, ó meu Francisco?» —

Pedro o pobre conheceu,
que fôra um seu camarada;
e contou-lhe a historia sua,
maldizendo a lib'ralada.

— «Lembrai-vos, Pedro que um dia,
quando eu na rua dormia,
me destes o vosso quarto!
Pois na minha casa, amigo,
tendes agora um abrigo.» —
. . . .
. . . .

Lá vão, ruas d'Alfama; é noite escura,
ao aposento chegam: rua feia,
loja pequena em denegrido predio,
n'um silencio profundo;
lá dentro alumiava uma candeia,
denunciando pelos vidros sujos
esse aposento immundo.

Que triste vida na loja,
que pocilga doentia,
que rostos amarellados,
como os dos encarcerados,
na mais immunda enxovia.

Dorme Aguiar na cosinha,
sobre esteira de tabúa,
Christina sobre um bahú,
Francisco faz meio nú
ferrolho á porta da rua.

Ladra um cão nesse aposento,
canta um grillo na janella;
vê-se um banco de um só pé;
sobre a negra chaminé
dois tachos e uma panella.

Almoçados todos cinco,
Francisco toma a sacóla;
Christina, o cão, e o guerreiro,
o seguem o dia inteiro,
e lá vão pedindo esmóla.

José Pedro faz-se coixo
ampara-o a Christininha;
cão e Francisco adeante;
Christina ingróla incessante,
a seguinte ladainha:

—«Bem haja o solido almoço,
bem haja o gordo jantar,
bem haja a opipara ceia,
bem haja quem póde andar,
de barriguinha bem cheia.

Bem haja quem póde lêr
do namorado uma letra,
. . . .
bem haja isto e mais aquillo
e coisas e tal *et cætera.*

Triste de quem der um ai,
sem ecco ter n'uma tenda;
feliz o que sempre almoça,
e mimoso o que merenda.»—

Que triste vida na loja,

que pocilga doentia,
que rostos amarellados,
como o dos encarcerados,
na mais immunda enxovia.

É noite de janeiro. O vento gelido
sacode as portas com terrivel sanha
responde em triste uivar o triste goso,
vadio que na rua a chuva apanha.

Tudo na Alfama dorme; só na loja
ao pé do largo que se diz da Adiça,
crepita uma candeia;
lá dentro ha vozes que os quebrados vidros
não podem resguardar.
Que vulto é esse, rebuçado e attento
á porta a escutar?

Curta quinzena sobre calça branca;
ás largas fórmas se lhe apega a roupa;
chapéo rafado mal lhe encobre o rosto;
sem ter um guarda-chuva e ao tempo exposto,
suspeito figurão tornado sôpa.

Na loja havia *cavaço*;
abre-se a porta co'o vento,
e ao longo do pavimento,
rolou um bronzeo pataco.
E o tal vulto acocorou-se,
para guardar o segredo;
o nariz limpou ao dêdo,
e foi-se.

Quem fosse ao largo do Carmo,
nessa noite á meia noite,
lá o achára embasbacado,
para o predio renovado,
que fôra o aposento *della*.
E taes vozes lhe escutára
sahir do peito já quente
com tres *dozes* de agoardente:

—«Porque, dama gentil, ai! te mudaste,
deixando um coração aqui sem rumo,
que precisa de amar?
Branca pomba que vôas em Cacilhas.
ainda desse incendio o lume e o fumo
me fazem suffocar!

Ó renovado predio, que é do fogo,
que te cercou de chammas tão brilhantes,
em noite de calôr?
Levantou-te o *Seguro*, prestes, logo;
tu já não tens os cumplices degráos
do meu chorado amor!

Faz hoje um anno que as meias,
ai! dos pés da minha amada,
deixaram de vir de noite
ao patim da tua escada.

Que as tuas vigas d'outr'ora
ardendo em chamma fatal,
fizeram correr as bombas,
dar as torres o signal.

Serei junto deste predio
ás horas do anniversario,
em quanto a parva policia
não prender o refractario.»—

Lá vae Roberto!... é elle! tão molhado
por noite assim medonha!

sem 'scorregar na lama do Chiado,
e leva um longo *bico de cegonha!*

Vêde-o junto do mar, ao pé da *lage*
no Terreiro do Paço...
A vista alonga lá para a *Outra Banda,*
quer de Cacilhas descobrir a praia,
minora sobre um frade o seu cançaço.
Com suas mãos febris a lagea apalpa!
e como o perdigueiro ali fareja,
uma pista adorada;
e as escadas do caes afaga e beija!

Um anno lá passa inteiro,
e apoz um anno outros vem;
e em cada mez de janeiro
as mesmas scenas tambem;
que o vulto que entra n'Alfama,
vae ao Carmo á meia noite,
quer o inunde a lua cheia,
de noite meiga e formosa,
quer o vendaval o açoite.

Vae sinistro e mal trapilho
nesse passeio fatal,
e não soffre das patrulhas,
o zelo municipal.

Depois ao caes das Columnas
o martyr do coração,
vae dar suspiros ao vento,
pôr os narizes no chão.

Vão terminar doze annos de agonia;
do fogo o anniversario vai findar.
O sol surgiu sem nuvens esse dia,
e José Pedro ergueu-se a resmungar;
de repente assumiu tanta alegria,
que certamente sonhou,
ou c'o a ditosa paz da sepultura,
ou então co'o *Rei chegou!*

De saquinho na mão vai Christininha
a certa vendedeira,
da praça da Figueira;

e n'um frade da rua da Bitesga,
ao pé da antiga habitação amada,
se encosta de cançada.

Põe no frade o cotovello,
a testa desafronta do cabello,
encosta a face á mão, e ali descança.
Faz-lhe docel o toldo,
da loja de um barbeiro.
Ai que formoso quadro áquella esquina,
o toldo, o frade e a menina!

Christina, porque olhas tanto
as tres cruzes dessa hombreira?
cruzes que só tem o encanto,
na dor de apertadas horas;
alvas cruzes de parteira,
Christina, porque as namoras?

Eu sei, Christininha, a historia
desse triste pensamento;
inda guardas na memoria
uma esp'rança promettida,

promessas de casamento,
tres *chochos* de despedida.

Foi ali, naquella escada,
daquellas cruzes ao pé,
que amaste e que foste amada!
que protestos esp'rançosos,
te jurava o teu José,
por entre beijos sequiosos!

E ha tantos annos, coitada,
contados, dia por dia,
tu te encostas de cançada,
defronte da mesma hombreira,
enlevada na magia,
das tres cruzes de parteira!

Vê que te espera, Christina,
o pobre do capitão;
deixa o frade, o toldo e a esquina,
vê que o sol é quasi posto...
Mas além... um tafulão...
mira o teu formoso rosto!...

Tão bem vestido e parado!
E quem será que ás seis horas,
se põe n'um frade encostado?
Eil-o, deixa a sua esquina,
lá chega... porque descóras?
de que tens medo, Christina?

Que nedias faces vermelhas,
que abdomen volumoso,
que variados matizes,
ostenta o traje vistoso!
Bengala de aureo castão,
chapeo que dava bem tres,
farto *reglan* côr de anil,
grosso e luzente o grilhão,
orgulho de um portuguez,
quando volta do Brazil.

—Boas tardes, minha flor—
diz elle ameigando a voz,
—o que faz aqui sosinha?
diz-me onde mora filhinha?
Não responde?—

—Não senhor...

Mas... Ah!.. dizei, por piedade,
vindes de fóra?—
—É verdade.—
—E nesta infeliz cidade
tendes um pai?—
—José Pedro.—
—Jesus! que ventura a minha!
Meu José!... meu caro primo!—
—E tu és a Christininha?—
—Meu primo!—
—Diz «meu irmão»
Que levas no saco?—
—Pão.—

. . . .

Alta noite era já, quando n'Alfama,
entraram fartos, da oppulenta ceia,
n'um trem da *companhia*.
Na loja inda velava uma candeia,
denunciando pelos vidros sujos,
essa immunda enxovia.

CANTO V

CANTO V

Hoc opus hic labor est

Eu conheço Lisboa, e tenho pena;
éden dos charlatães de todo o mundo;
lago formoso de mentiras lindas,
tem nas margens o amor, traição no fundo.

Rainha do occidente envolta em pó,
vaidosa de seus mil commendadores;
dos seus *guanos* e dos seus *trapiches*,
rica de realejos e credores.

Hospitaleira mãi do passeante,
Cicero do *Marrare*, audaz talento;

lanterna maga que allumia a estrada,
que vai do botequim ao parlamento.

Arvore a cuja sombra o pertendente,
em torno do ministro em vão suspira;
onde o *memorial* constante entôa
hymnos sonoros que a barriga inspira.

Onde o talento se protrae de rastos,
e o charlatão pomposo se erradia,
por entre os beleguins eleitoraes,
potencias do presente, heróes do dia.

Em ti o amor, Lisboa, é como o fósforo,
na juvenil endiabrada mão,
que morre, qual se accende, em breve instante,
sem faisca deixar do seu clarão.

São Bento palrador, contae os feitos
dos mil Catões da minha patria bella;
quanto sangue leal nos teus combates
verte o senso commum e só por ella.

Oh! fallem ***Coruscantes***, e ***Ravisius***.

ala dos falladores tão seccante;
conta *Zé de Moraes*, as sangue-sugas,
que aliviam a patria agonisante.

De Lisboa os *cataventos*,
quem vos poderá pintar!
os politicos portentos,
que vem a patria salvar,
ricos de côres aos centos
de mil diversas bandeiras!
nobres *peitos-parteleiras*
dos antigos democratas,
a pedante mocidade,
e a comica magestade
desses gordos pataratas!

De eleições batalhadas eram vesporas;
semeava o governo os seus favores;
Estanislão José do Nascimento
era o Napoleão dos regedores;
e na botica sua entrava um grupo
de quatorze eleitores.
Conversam em passadas eleições

de cabralinas côres;
das listas o carimbo á mente accode,
e a giria eleitoral de *empalmações*.
Só falla do que feż quem já não póde.

—«Sim, era em *quarenta e seis*,
que nós todos em Lisboa,
de *São Domingos* á porta,
fizemos votos fieis;
pois não se votava á tôa.
Tres deputados fizemos,
co'um cento de caceladas;
ao pé da urna ondolavam
as taes listas carimbadas.»—

—«Em *quarenta e seis*, amigo,
eu tambem lá era então;
ai! que bello era esse tempo
dos votos a cachação!
E vimos o parlamento,
como um iris de bonança;
traduzir o pensamento
dos cabos de segurança.
E os *ricos proprietarios*

do Algarve, sucia leal,
faziam por essas ruas
as glorias de Portugal,»—

—«Que bello tempo foi esse,
dos votos a cachação!»—
exclama Pinto Ribeiro,
politico tanoeiro,
e levanta a grossa voz;
—«mas no tempo em que vivemos
teremos-lhe inveja nós?
e de que? dos batalhões
desses homens do Arsenal,
que andavam nas freguezias
a fazer as eleições?
Ou talvez das tropelias,
lá de assembléas ruraes,
cujas scenas divertidas
eram combates fataes?
Isso que val' para erguerem
aqui tão grande escarcéo?
hontem, hoje, ámanhã, sempre
os deputados do povo,

por artes magicas saem
da copa de um só chapéo!!

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachação!
ao menos havia festa
nesses dias de eleição.

Perguntae ao boticario,
Francisco Antonio de Assis,
que ora avia tres receitas
ora tres listas avia,
e bons pais da patria cria
a bater no almofariz.

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachação!
ao menos era arraial
o dia de uma eleição.

Que fez um senhor de tal...
que não sahiu de Lisboa,
para ser o pai amado
dos filhos da Nova Gôa?

Que faz um José Antonio,
deputado de feição?
merca o chapéo e o balão
para a esposa do barbeiro
que o elegeù !... infeliz,
que do corpo de eleitores
é sargento em commissão!

E haver quem falle do tempo
dos votos a cachação!
ao menos havia festa
nesses dias de eleição!

E dos homens o troço que escutava,
e que as verdades do orador sabia,
com gestos applaudia;
e um delles que ali estava de olho álerta
ao *doutor* indicava
do regedor a porta mal aberta.

Mudou Pinto Ribeiro.

—«O que tem feito no *Rio*,
senhor Miguel d'Aguiar,

vosso sobrinho José?
que novas delle nos daes?
como elle ia a suspirar
pela prima Christininha,
cheio de amor a fartar!
e sem ter *uma de seis!*
Vêde que honrado caminho,
não lhe deu a patria amada?
delle que sabeis?»—
—«Eu nada.»—
—«Nem eu.»—
—«Nem vós.»—
—«Tambem não.»—
—«Nem eu sei delle tambem.»—
—«Não sabe delle ninguem!!»—
—«Sei eu.»—Exclama um tendeiro,
que veiu *di lá* barão;
—«foi meu socio; trinta contos
trouxe ha mezes do Brazil,
fez-se agiota em Lisboa;
emprestando a mil por mil.
Foi bem feliz, o maroto,
arranjou dinheiro aos dados,
notas falsas bem gravadas,

amigos entre os negreiros
nas viagens arriscadas;
e mais ganhou por tudo isto
uma commenda de Christo!

No interior da loja á mesma hora
da parte do saguão enxovalhado,
o regedor e um cabo conversavam,
entre mil frascos, em questões do Estado.

Estanisláo José do Nascimento
circumspecto prepara uma tisana;
vai soletrando o cabo um papelinho,
em quanto o regedor o fogo abana.

As listas e as receitas sobre a mesa,
as seccas malvas tapetando o chão;
e o *sabio* regedor vendo o remedio,
co'o discreto nariz sobre o fogão.

Terminou a leitura. Ambos calados
olharam-se um momento.
—«E agora, regedor, que julgaes disto?»—
pergunta o cabo emfim.

—«Ai! seja por São Miguel!
É possivel! É pois certo
que esse tal senhor Bragança
quer destruir-nos a esp'rança
desta feliz eleição?!
Por Deus! até me cahiram
as cangalhas no fogão!...
Porque teima este senhor,
em fazer-nos tanto mal?...

Quereis ter a paciencia
de me reler o final?

—«Diz o administrador:
«Ninguem póde já hoje duvidar
que Anacleto Bragança ahi conspira,
que reina cavillosa intelligencia,
entre elle e muitos cabos de policia;
que poucos destes, saiba, a nós pertencem.
Vejo o nosso ministro ardendo em ira
contra essa fregezia,
por ver os resultados da impericia
do brando regedor, que não triumpha
de tudo n'um só dia.

Ha de vencer-se agora, e prompto e já
essa tenaz malicia!
Irá por força o que não fôr por geito,
em rapido momento.
Surjam depressa á voz do regedor
de cabos mais um cento.»—

A porta abriu-se; entrou no santuario
um corcunda zarolho, calvo e coixo.
Era Anastacio Bernabé Baptista,
antigo official do boticario
politico tambem, mas cabralista.

Recebe Nascimento uma missiva,
da qual pede a resposta um maltrapilho.
Precipitado rasga o sobrescripto,
lê e chega ao fogão
a carta. Surgem por encanto lettras
por entre as linhas todas; eram feitas
com sumo de limão;
leu de novo a missiva; e um rir satanico
se viu no pharmaceutico.

—«Trazei-m'o!—Agora, meu querido cabo,

deixai-me só.» —
Só ficou.

Quando á porta da cosinha
o maltrapilho chegou,
viu José do Nascimento
como estatua de D. Bartholo,
na dextra oculos e abano,
na sinistra uma tigella;
cerrada a porta, marchou.
Deu quatro passos... calado
o boticario pasmado,
nem sequer pestanejou.
— «Viva o senhor regedor,
tão grande como um ministro,
tão sabio como um prior.» —

Nos dedos de Nascimento
estremeceu a tigella!...
Ficou immovel, calado.

Na pedra da chaminé,
sem respeito e sem cuidado,
foi sentar-se o mensageiro;

poz o barrete no chão,
poz as costas ao brazeiro;
e mettendo na fornalha
a suja e callosa mão,
cigarro em meio accendeu,
e disse, largando a braza:
—«*Aqui tem o seu creado,*
como nós em nossa casa,»—

—«A vontade, ora *essa é boa!*»—
brada o regedor emfim.
—«Pois que duvida, assim fiz,
como é quentinho o fogão...
lá por fóra, meu amigo,
é de ficar sem nariz!»—
—«Qual nariz, nem qual diabo!
sabei que não se entra assim
no gabinete, senhor,
de um pharmaceutico illustre,
que tambem é regedor.»—

—«Cidadão, não val' ralhar;
quando aquella porta entrei,
achei-vos ali parado

sem me fallardes; pasmado...
sobre essas magras canellas.
Qual cerimonia?! Um amigo
se tem frio e está moido,
não vem pôr-se com *aquellas.*
Sabe tão bem o fogão...
Sois fino, sabeis-la toda!
como estaes bem couraçado,
contra o frio, meu ratão.»—

Nunca tamanha audacia tinha entrado,
nos sonhos do assombrado Nascimento,
que ali olhava um rôto, um malcreado
sentado sem licença ao seu fogão,
a lançar-lhe fumaças para os olhos!
E quem fallava assim ao regedor?
Ou era um bruto sem vintem, sem tino,
ou era um emissario de eleitor!...
Levantou-se o mal trapilho,
desprezando a ironia,
poz-se em pé sobre o ladrilho.

—«Perdoae o atrevimento;
já estava no esquecimento

o dar-vos estes papeis
e as muitas recordações
dos dois irmãos Perdigões,
vossos amigos fieis.
Em quanto lêdes amigo
heis de fazer-me um favor:
é dever de um regedor
tratar bem um refractario;
deixai-me estender no chão
este corpo tão moido,
uma vez que lhe vão dar
a tarimba por colxão.
Se podesseis calcular
as noites que eu hei dormido
pelas escadas mettido,
e os dias que tenho andado
nessas ruas sem parar,
não ficarieis pasmado
de eu me estender no sobrado.» —

— «Aqui sobre estas violas
podeis descançar melhor...» —

— «Meu commandante, obrigado!» —

e fez uma continencia.
—«Vou regalar estas pernas,
que não posso ter-me em pé.
Se o meu coração dissesse,
como obrigado vos é,
vós me darieis contente
dois dedos de capilé!
Tomae, guardae-me este páo
e esta navalha tambem,
e que Deus vos pague em *récipes*
os juros de tanto bem?»—
Disse; e em cima das violas
se estendeu como um cação;
e em vozes entrecortadas
pelos boccejos do somno
continuou:

—«Que delicias...
quem diria que este môno
dispensava taes caricias!...
Eu cá sou... como o Bocage,
como, bebo, durmo, e brinco
sem ter nem *uma de cinco*.
É tão macia esta cama...
é tão quente... este colxão!...»—

E adormeceu!...

. . . .

Que burlesco pincel ha 'hi que pinte
do regedor a comica postura?!
Que author feliz de caricatos grupos
me empresta o lapis e me aluga a musa,
me ensina os traços, com que alegre o mundo
fazendo o esboço dessa imagem parva,
immovel, boquiaberta, alvar, confusa,
parado o olhar que o espanto manifesta,
sobre a nuca o bonet... cahido o beiço
os oculos na testa!
Horisontaes os braços pharmaceuticos
como os dois braços de balança immovel,
nas mãos, sem o saber, tendo seguros
o páo e a navalha;
com a mesma automatica firmeza
com que se ostenta sobre a corda teza
um Judas de palha!

. . . .

Ai! que somninho marôto,
do incognito mal trapilho!
Que respirar tão sereno

lhe move o sujo peitilho!
Nos olhos que olheiras fundas
cavadas pelo cançasso!
Que sons cortados, confusos
desprende de espaço a espaço!

Que vos pinte a phantasia,
o que o meu canto não fez;
junto á estatua do vadio,
um vegete de entremez.

. . . .

O boticario sahiu,
voltou ao cabo d'um'hora,
seus labios ha pouco immoveis
abrem sorrisos agora.
Traz nas mãos quatro garrafas,
n'um guardanapo dois tachos;
n'um delles sopa e cozido,
n'outro arroz e dois borrachos.
N'uma cadeira põe tudo,
e senta-se ao pé, no chão;
tira as rolhas, enche os copos,
reparte o cosido e o pão.

Passado um breve instante
mecheu-se o aventureiro;
sorriso aos beiços ávidos
lhe dá do vinho o cheiro.
Espriguiça-se languido;
rasga a bocca em bocejos;
o canto abre d'um olho,
deixa o outro fechado,
e diz mal acordado:
—«Não ha duvida!
Senti junto do nariz
o cheiro d'uma perdiz!
Ah... dormi... como a giboia!...
Caro amigo... em que sonhei?...—
—«Eu sei lá no que sonhou!...»—
—«Regedor... como passou?»—
Disse elle erguendo a cabeça.
—«Venha agora o beleguim
prompto estou para marchar,
vamos lá, que ordens me daes?»—
—«Depois de dormir... jantar;
depois de jantar... dormir.»—
—«Mas a carta que eu trazia,
não fallava de prisão?»—

—Como! sabieis...»—

—«Sabia»—

—«E que tolice foi essa
de virdes ao regedor?»—
—«Vingar-me da sorte quiz,
dando as costas ás correias!»—
—«E vós ficaes eleitor,
quando as correias pedis!»—
. . . .
—«Inda outro papel na vida!
Vêde o que é ser mui feliz!»—
Pois são muitas as mudanças
que fazeis a vadiar?»—
—«Oh! muitas! porém amigo,
dizei-me, em que heide eu votar?»—
—«Amigo, vamos jantar;
e vereis que o meu *cartaxo*,
que é politico e bem velho,
vos dará o seu conselho.»—

—«Ei-a! jantemos! a pandega,
que eu julgava morta emfim,
por entre os votos do povo
renasça de novo em mim!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Deus o quer! e os novos brodios
vão surgir de novo emfim,
jantemos! renasça a pandega!
Deitae-me do *tinto* a mim!»—

CANTO VI

CANTO VI

O Carnaval

Entrudo! monstro informe, que se nutre
com chufas e traições e pós sem conta;
tem cabello de estôpa, armas de toiro,
e guizos de palhaço em cada ponta.

O rabo é de macáco, e tal 'spinota,
bicho atrevido na cosinha e sala;
ora salta, esbraveja, e guincha e morde,
ora sobre os maridos pula e estala.

Nos olhos a ferver fumega o vinho;
solta do peito em braza agudos ais;

*

na garra contraida, o amor travesso
faz caretas ás filhas, cega os pais.

Ai do homem que em terça feira gorda,
desejando esquecer a femea falsa
que n'alma lhe cuspiu,
quiz alivio encontrar na doida valsa,
e no *Caffé Concerto* ou *Circo Price*
um dominó vestiu.

O baile mascarado é uma orgia,
cada palavra um fósforo p'rigoso,
cada polka um delicto!
Onde faz de comparsa o pai zeloso,
onde a mulher é *dama das camelias*,
e um esposo é *palito!*

Preside á festa o contra-mandamento:
— *Cubiçarás do proximo a mulher,*
do teu amigo até! —
onde transborda em gotas a ferver
o veneno lethal do matrimonio,
da masc'ra de *glacé!*

Maldicta serpe que entalou Adão,
hoje armada com barbas e nariz,
tem logar d'honra ali.
E do Paraizo o anjo á porta diz:
— *Ó vós que entrais, deixae lá fóra a esposa,*
por que ha maçãs aqui! —

Gota a gota nas filhas da elegancia
cái a baba pestifera, nojosa,
desse monstro fatal!
Lá corróe o veneno a virtuosa;
lá se infiltra nas carnes palpitantes
do seio conjugal!

Ai do homem que em terça feira gorda,
desejando acalmar esta fadiga,
que se chama viver,
quiz afogar as magoas na barriga,
e no *Caffé Concerto* ou *Circo Price*
dansou, e ousou beber!...

Ai delle! que os seus amores,
tem no ventre o mausuléo,
e faz com vinho as exequias

ao coração que morreu!
Ai delle! que sem vergonha
todo o mundo tem por seu!

Vai findar o jantar dos dois convivas
nessa botica escura;
movem-lhe'a lingua, cada vez mais preza
palavras de ternura.
Sentados frente a frente, o bom *cartaxo*
em seus olhos se vê.
Nos gestos descompostos do borracho,
dão co'as ventas rozadas na cadeira,
não se firmam de pé.
Vamos fallas ouvir-lhe atrapalhadas,
de momento a momento intercortadas
por nova libação.

. . . .

. . . .

—«E toda a gente vos cria
no *Alto de São João.*»—

—«Pois não *'stiquei a canella*
Eu fui como este charuto,

que d'entre as chammas surgi,
apagado e mal enxuto!
Com bom fogo tinha entrado,
incombustivel sahi.

Desde essa noite medonha,
nunca mais dormi em casa;
perdi de todo a vergonha.
Declarei a guerra e crúa
á canalha dinheirosa;
e guerra fiz-lh'a teimosa!
hontem, bebado na rua;
hoje malandro e ladrão;
ámanhã, falso mendigo,
sem chapinha de latão.
Mas sempre andando comigo
restos da minha paixão.
Sempre andei nesta Lisboa;
por mil modos explorei
esses incautos humanos;
iam-me os cabos na pista;
eu farejava os dois manos
da mulher que tanto amei;
e na vida que eu seguia,

ora cautellas vendia,
ora furtando, passei.

Ha seis dias, pelo entrudo,
nesta Lisboa ruidosa
uma bella mascarada
entrava alegre e vistosa.
Dois figurões e uma bella,
sucios meus, todos de trem,
(Caetano, Braz e Manuella)
e um pastorinho tambem,
com florinhas no chapéo,
calção bordado a retroz,
—«E o pastorinho ereis vós?—
—«E o pastorinho era eu!—
.. ..
....

Meu pobre pae! as tretas que me déras
nos meigos zurros de azinina esp'rança,
serviram de arranjar uma vingança,
prazer dos deuses, pae, que não tiveras!
Comprara-a pela fita, que guardavas!
por meus bigodes! pela eterna pandega!

por quarenta jantares! por cem *bicos!*
pelo melhor emprego ahi d'Alfandega!
. . . .

Quantas vezes nesses dias
da minha penada historia,
azininas alegrias
me assaltaveis a memoria!

Era em Lisboa, José,
dando em politica a lei;
meu mano é fidalgo, até;
um dia acaso o encontrei.

Que bella farda encarnada!
que lindo chapéo armado!
que vistosa trapalhada
sobre o seu peito adornado!

Que nedias faces lustrosas!
que barriga enorme e teza,
não tem panças mais vistosas
Lisboa em sua nobreza!

E nessas casas primeiras
dos nobres, que tem solar,
os pais de filhas solteiras,
lhe atiram ávido olhar

Negreiro, d'alma de breu,
em seus negocios bem duro;
adivinha-se o judeu
nas nigromancias do *juro.*

Sempre eleito deputado!
A inveja de cada bella!
No parlamento apoiado!
No seu partido uma estrella!

Viu-me e voltou depressa a cara. Vêde
a soberba, que nesse tolo havia,
que até o proprio irmão, com quem vivera
não conhecer fingia!

. . . .

Era chegada a hora. Alegre festa
de masc'ras femeas, de homens e barões,
de capilés e néves,

no palacio dos nobres Perdigões,
(Camilla Augusta da Trindade e os manos)
rematava-se em bons *comes* e *bébes.*
Tinham entrado com supostos nomes
Caetano, eu, Manuella
e Braz. Todos ahi
fidalgos e dos bons de Portugal;
a condessa d'aqui, barão d'ali,
dom fulano de tal.
Entre os dois Perdigões era sentada
condessa Manuella.
Dos meus fidalgos d'improviso ao pé
Camilla, a falsa e bella,
e o meu irmão José.

O puro chá da videira
nas boccas desparecia;
a lingoa preza e os olhos pequeninos,
os ditos já pouco finos
são cortejo do *Porto* e do *Madeira.*
Atropelam-se as fallas da nobreza,
trocam-se os brindes cheios de calòr,
abalroam joelhos sob a meza,
já se pisam os pés dizendo amòr.

— Por Camilla Perdigão
quem bebe agora sou eu! —
gritava assim meu irmão,
co'os beiços rôxos; bebeu.

— A saude dos amigos! —
— Dos inimigos tambem! —
— E de Francisco Bellem! —
— E de Caetano Avelar! —
— E de José d'Aguiar! —
— Da familia Perdigão! —
— E de quem vae ser barão! —
. . . .

— Ai! dona Camilla
e quando vos amava um tal... Roberto
d'Aguiar?... —
— Conheci-o!... e tu, visconde?
não te lembras? na praça da Figueira,
n'um quarto andar,
que tem na porta cruzes de parteira,
ha dez annos.... e mais.... ahi morava,
e que ha pouco nas ruas mendigava,
um Pedro d'Aguiar?

Não te lembras, visconde?...

—Lembro já!

era elle um miguelista bem casmurro;
um bom typo a que nós chamamos—*burro*—
de que ha muitos por cá.
Tinha dois filhos... bem me lembro agora,
que o mais velho, Roberto d'Aguiar,
me quiz desafiar,
por lhe tirar do lance alta menina.
Era um bom mocetão, estravagante,
e da sucia mofina.
Não casaram?—

—Jesus! era impossivel

descer Camilla
de pais illustres, como são os seus
até um leito de lençoes plebeus...
e de algodão!...
d'um miguelista parvo e pobretão!—
—E sabeis delle?—

—Sei, jaz enterrado.—

—Morreu? e não sabeis de que, nem quando?—
—Insultou-me, matei-o!—

—Perdigão?!...

foi o *velhinho* que o matou por vós?—.

—Sabeis que sou valente; essa é de vinho,
sabem caçar pardaes os Perdigões,
prescindem do *velhinho*.—
—E não 'stalar de pena a vossa irmã?!...—
—Como? se o não amava?!
Ao saber que morreu, foi de manhã,
riu-se a mais não poder, e foi vestir
roupão côr de romã.—

—Ah! corja de tratantes!—lhes disse eu;
todos pasmados se callaram logo,
—Eu vos digo, senhor, quando morreu;
vou soccorrer-vos co'a memoria minha,
que estes nobres senhores
deram vinho de mais aos seus valores
nessa historia fatal... da carochinha!—

Ergueram-se vermelhos, espantados,
estupidos, boçaes, cambaleantes!
cabello sobre a testa! olhos pisados
de medo e vinho! as dextras palpitantes
sobre as panças replectas de carneiro,
que fazia nos ventres, o magano,
brincos de mano em casa d'outro mano!

— Pouca vergonha!...
Era um rugir acerbo e suffocado,
que lá de dentro vinha do carneiro.
— Um desafôro assim!... forte brejeiro!...
Expulsae-o! —

. . . .

Silencio da canalha!...
Eu espalhava em roda aquelle *gazeo*
que teve o bom Taborda no *Gymnasio*
quando na *Fabia* entrou do Chico Palha.
Cairam 'stonteados nas cadeiras,
foi de ventas a terra o Perdigão,
e rugiu: —Traição! —

Camilla eu abanei, que já dormia:
— Senhora! ouvi attenta a minha historia!
Ouvi tambem ó sucia de agiotas!
Por noite de janeiro escura e fria,
certa casa habitada
ás costas de gallegos foi mudada;
linda Camilla Perdigão soffría,
só porque a amava um joven sem real!...
Sabem caçar pardaes os Perdigões
mas fogem do pardal!

Quando entravam na casa os aguadeiros
para os fretes finaes,
foi dentro logo a porta da cosinha
com murro atterrador, horripilante
de um pobre, triste, e reforçado amante,
Roberto d'Aguiar!!
Vinha tarde, senhora!... vomitaes?!...
Que farieis, se ouvisseis tantos ais,
que dava o desgraçado
tropeçando no chão, n'uma cadella,
dando co'as ventas n'uma acceza vela!
Não ha dôr que semelhe aquella dôr!...
Para c'roar a obra, esses patifes,
que são vossos irmãos
foram sobre o infeliz, que se estendera,
batendo a quatro mãos,
e trinta vezes os bambus compridos
foram em suas costas estendidos!
Vingança de gallegos!... a cosinha
era casa de malta de aguadeiros!
Sabem caçar pardaes os Perdigões
mas são dois colxoeiros
sobre homem desarmado,
que escorregou n'um cão e que abraçado

ao colxão da mulher que tanto amou,
nem levantar-se póde; e que não sente,
mais que da tal velinha a céra quente,
ao pé do seu nariz que se queimou!

. . . .

Pouco depois o incendio repentino
devorava no Carmo um predio inteiro;
Roberto qual chouriço era ao fumeiro,
em quanto os tres irmãos d'ali fugiam,
no *fogo-posto* cumplices os dois,
pensando que o seu crime
vestigios não deixava no monturo
á vista mais sagaz e mais certeira,
e que teriam libras do *Seguro*
como tropheu de tanta maroteira!

— Ai! Jesus! — grita Camilla
Quem taes historias me trouxe?
— Ai! Jesus! venha... depressa...
um copinho *d'erva-doce.*

Eil-os erguidos como dois orates!
arrepellam as barbas e os cabellos!

nas faces mais vermelhas que tomates,
vê-se a chamma brilhar do *carcavellos.*

—Tu mentistes, patife! tu mentiste!
morra o bebado que a mentira traz! —
— Amigos! vós agora! segurae-os! —
e nisto mais ligeiros que malsins
os colheram ás mãos, Caetano e Braz.
— Que é isto?! vós amigos dedicados!
Eis a verdade emfim! somos roubados! —

Luctaram no estertor ao pé da meza;
era lambada teza,
e os copos a estalar!

— Miseraveis, quem sois?—
—Gente de bem.—
—E tu quem és?—
—Roberto d'Aguiar!—

Teve um desmaio Camilla
cahiram os Perdigões;
rouco o meu mano gritava:
— *ó da guarda! que ha ladrões!* —

Que hade fazer o pobre sem amigo,
que o vá tirar do Carmo á meia noite?
ha de aguardar das feras o castigo?
que fazer? sem irmão e já sem pae?
Ai!
Deve pôr-se — vae... não vae?...
Ai!

....

Ai! foge, como eu fugi,
dando veloz á canella;
e Camilla, a falsa e bella,
desde esse instante a esqueci.

....

Amigo, a noite passada
na taberna do *Magina*,
estando a ceiar pescada,
e trinta réis de feijão,
um moço se chega a mim;
da parte do Perdigão
um masso m'entrega; dentro
vejo esta carta a final;
ouvireis o essencial:
Roberto d'Aguiar quando isto lerdes
seremos já bem... *et cætera*... e tal...

*

. . . .

Dos *Martyres* ireis á freguezia
perguntae por José do Nascimento;
mostrae-lhe a senha inclusa (em propria mão)
 que tem signal *d'irmão*.˙.
Dizei-vos mensageiro do *Oriente*,
fallae na *Rosa Cruz*, na *branca luva*,
 nos *filhos da viuva*.
Entrae afoito sem temer por vós;
dar-vos-hão um emprego, e bem rendoso
 que vos juramos nós.

. . . .

. . . .

Vi a traição. Vim procurar tarimba
unico leito que o meu corpo aguarda,
que já estou farto de apanhar cacimba;
vêde o socego com que eu peço a farda! —

Escutára José do Nascimento
attento sempre a narração inteira;
 ficára em pasmaceira.

Ergueu-se em pé:
 — Tinheis razão, Roberto!

foi a traição que vos mandou aqui.

Adivinhastes! Agora
ao *Circo Price* correi;
ali sereis empregado,
não temais vingança atroz.
Cem cabos hei de eu fazer
para as novas eleições.
Vós sois grato! e desta sorte,
um dos cabos sereis vós! —

CANTO VII

CANTO VII

O Circo Price

Leitor : se queres gosar
vendo armado neste dia
em moço de estrebaria
o Roberto d'Aguiar,
illude a esposa ciosa
com esta engenhosa trica,
afaga-a com tres beijinhos,
diz que vaes á *Chafarica*
e vem hoje aos *Cavallinhos*.

Pois em quanto a esposa terna
os meninos adormece,

e deste mundo se esquece
no domestico regalo,
o marido adora a perna
da *voltigeuse* galante,
que salta luxuriante
sobre o dorso d'um cavallo.

Dentro do circo vistoso,
essas pintadas bellezas
arrastam as almas prezas
no seu aereo dançar,
e com seu riso amoroso
accendem paixões ardentes,
deixando os moços contentes,
e os velhos a suspirar.

Ali fura a *Motty* os arcos,
furando *as almas* tambem;
saltam áquem os amores,
quando a *Goetz* salta além;
por cinco tostões apenas
no circo pódes entrar;
estão oito horas a dar,
se queres, amigo, vem.

No principio da calçada,
que do *Salitre* se chama,
jaz a porta. Nós entramos;
venha bilhete e programma.

. . . .

Leitor, eu entro sosinho,
fica ahi no meio da rua,
e vae namorando a lua,
que tudo te hei de contar.
Convidei-te, bem o sei,
mas do *D. Jayme* o author
tambem convida o leitor
e o deixa á porta ficar.

O povo que ali se apinha
é de festa o grande indicio,
que nesta noite os palhaços
fazem o seu beneficio.
Os janotinhas da *baixa*
applaudem as mil momices,
as engraçadas tolices
De *Whittoyne*, *Alfan*, e *Secchi*;
pois quem não hade folgar
vendo os iguaes a brilhar?!

Corria alegre e ruidosa
a tentadora funcção ;
o *Price*, a *Holle*, o *anão*,
a *Monfroid* voluptuosa,
tudo no circo brincava
naquella noite de festa,
naquella noite funesta !
Dançava a gentil *Mathilde*
transformada em andaluza,
repicando a castanhola,
dava aos amores as leis,
ao som do bumbo estrondoso
da banda do *Dezeseis*.

No circo andava Roberto,
e do chicote os estalos
sempre o traziam correndo
a conduzir os cavallos.
De lacaio tinha a farda,
de muito alegre matiz,
casaco largo e singello
de fazenda grossa e parda,
debroado de amarello,
que sobre o pardo bem diz.

A bota até ao joelho,
cizento e sujo o calção,
que por desleixo ou por velho
deixa ver da carne um pouco;
completava o traje seu
de bezerro o cinturão;
tal o achei no circo, eu.

Em torno delle saltavam
os *clowns* endiabrados;
ali no circo o estenderam
entre os arcos já rasgados,
e elle a rebolar no chão!
E um rir nervoso e estupido
espargia em derredor!
subiam-lhe á mente acceza
lembranças do seu amor!
e na lucta desigual
os seus calções se rasgaram
naquella noite fatal!

Os paes já mandam que as filhas
os olhos tapem co'o leque;
mas ellas envergonhadas

davam convulsas risadas,
vendo escapar-se ligeiro
o aturdido aventureiro
co'as... faces afogueadas.

A *Holle*, gentil rainha,
chega a pôr ao pé da gente
do seu cavallo a patinha;
e atirando aos infelizes
co'o mais desdenhoso olhar,
e voltando a galopar,
como quem póde e não quer;
e o rancho dos namorados
ficou de peito a ferver,
e no ar as luvas sacóde,
como quem quer e não póde.

Alguns vi mais calorosos
cheios de amor ou de vinho,
esp'ral-a vertiginosos,
pôr-se em mangas de camiza,
e tapetar-lhe o caminho
com seus casacos ditosos.
E a roza das amazonas

tão seductora a trotar,
a sorrir-se olhando o chão,
e taes desvelos pagar,
rasgando o fato estendido
co'as patas do seu lazão,
naquella noite fatal
de tão vistoso arraial,
de tão bizarra alegria!
Vi os outros murmurando
da delirante folia!
Não sei se tinham razão.
Dos *feitos* da sympathia
é juiz o coração.
Quem receia constipar-se
ao ver a *Holle* a trotar,
quando o sol daquelle olhar
nos vem pôr em combustão?

Se essa noite eu não tocisse
talvez o fraque despisse.
. . . .
. . . .
No fim da parte primeira
aos camarins dos cavallos

vão janotas e o povinho;
e eu seguia o meu caminho,
passeando triste e só;
roçando nas amazonas
meu cinzento paletó.
Ouvi fallar em Roberto...
fiquei suspenso!... parei!...
era conversa animada
de dois ginjas hervanarios,
e tres gordos boticarios;
que cinco vultos contei.

Roberto o desventurado
dava aos cinco tal cuidado
que assim diziam:

—«Se o vi,
hoje á porta do *Toscano*,
de casaco de bom panno,
bom chapéo e boa calça,
e luvinha côr de salsa!»—
—«Anselmo, que te enganaste!
hontem inda o refractario,
engrolava a ladainha

pelo largo do *Calvario*,
descalço e rôto a pedir!
—«Não ha tres dias no Porto
se encontrou o aventureiro!»—
exclamava em voz roufenha
o senhor José Mathias.
—«Não póde ser em tres dias
heróe de tanta façanha.»—
—«Como sois esperto e arteiro,
senhor Varella! pois bem
vou contar-vos uma historia,
em que todos podeis crêr,
mas que eu não posso intender!
Antes de hontem... quarta feira,
(ainda o que eu vou dizer
me dá voltas ao miôlo!)
fui sentar-me ao noitecer
n'um banco das *Amoreiras*.
Pediu-me esmola um mendigo.
Depois tornei a encontral-o,
e quando eu ía assoar-me,
o lenço tentou furtar-me,
e conheceu-me, e fugiu
a toda a brida!... Pasmei!

Inda o vi, mas não me viu,
ao *Rato*, no chafariz,
impingindo aos aguadeiros
com a giria dos cautelleiros
cautellas de meio tostão!
vinha diante de mim,
perdeu-se na escuridão!
Eu vinha pois aturdido,
lançando em torno o meu *gazeo*,
quando á porta do *Gymnasio*,
a mesma voz e outros trajos
se me apresentam diante!
Corre a mim o meliante,
mostra na mão um bilhete,
grita em agudo falsete:
— *quer geral ou vende algum?*—
Tremí, benzi-me e rezei!
Pois vi-o em menos d'um'hora:
mendicante-ratoneiro
e galopim-cautelleiro!!
E duvidei muita vez,
e a mim mesmo perguntei:
Seriam quatro?... talvez!
Serei eu bruto?... não sei!»—

—«Os seus signaes?»—
—«Alto e grosso,
e cabello negro e longo;
bigode preto-carvão;
olhos pardos, nariz rombo,
e modos de fanfarrão.»—
—«É elle!—gritaram todos.
—«E veiu ao circo parar!»—
—«Talvez por fatalidade
nos oiça agora fallar.»—

Eu que ouvira a historia toda
fui meu nariz apalpar,
e o meu cabello cortado;
não estivesse em mim tornado
o Roberto d'Aguiar.
De mais eu desde pequeno,
temo as almas do outro mundo.
Ao poeta o céo sereno
nada lhe quiz occultar
nas horas do seu rimar!
Mysterioso cordel
o transforma a todo o instante!
é figura de borracha,

que não tem nariz constante!
nos verbos tempos não acha,
todo o passado é presente;
e nos seus passeios mil,
não sei porque estranha via,
vem da Russia á Trafaria,
sem ter um ferreo carril!
São prova do que se diz
deste meu canto os versinhos.
Quem deixa o *Egas Moniz*,
para ir aos *cavallinhos;*
e n'uma noite d'inverno
deixa o seu leitor ao vento
só por vêr o fardamento
do Roberto d'Aguiar;
e diz que viu, como eu vi
e que ama como eu amei,
suspiros que eu não senti,
carinhas que eu não beijei;
não pode levar a mal,
se o cordelinho fatal
o fizer no mesmo dia:
mendicante-ratoneiro,
e *galopim-cautelleiro!*

Não sei se foi covardia
pois o circo abandonei,
fui-me safando, e marchei.

Que bella apparencia não tem o *Penim!*
Que portas tão juntas da tasca afamada!
jardim tão formoso de gratos aromas,
começa a tentar-me... co'a porta da escada!

As portas do templo que chamam *Penim*
são bocas de fada, que ao doce prazer
convidam; diz uma aos lacaios—entrae—
diz a outra aos tafues—vinde o peito aquecer!—

Penim! Deus te guarde por annos sem conta,
prezado *retiro* da nossa alegria!
Teus lumes brilhantes, em trevas a rua!
cá fóra silencio! lá dentro folia!

. . . .

Na porta da escada busquei eu passagem,
que alfim me levasse do vinho á mansão;
achei-a risonha! de loiro vestida!
Pedi costelletas, seis ostras e pão.

Ali se projecta do vinho a luzerna!...
Que murros são esses com tanto furor?
Sentei-me n'um canto!.. cheguei-me á cortina!...
Lá dentro!.. Lá dentro!.. Lá dentro!.. Que horror!..

CANTO VIII

CANTO VIII

O bebado

Ai!
vem,
leitor,
vem comigo;
pódes amigo
entrar no *Penim;*
vem afogar em vinho
desse teu viver a magoa;
a vida é barco á tona d'agoa,
só navega com vinho e amôr:
encontras no *Penim* pinga afamada,
e ternos sorrisos e peixe e sallada.
Tres vultos em orgia que ali estão sentados
vês despejando os copos cantando emborrachados.

Nota.
Repare o leitor,
que o meu extro aqui foi rico;
como a scena é de taberna
armei os versos em *bico.*

«Mais vinho! que a pinga é boa!
Mais vinho! que ha *chelpa* aqui!
se o vinho nos pucha as lagrimas
primeiro cá dentro ri!
É carnaval na quaresma,
é quaresma no *Peni!*

Fogão que nos tira o frio!
frio que extingue o calor!
é sorvete a refrescar-nos!
é de papa um cobertor!
dá trevas á magoa acceza,
luz á candeia do amor!

Eu quero um *bico* mui longo,
que me pesque um Cherubi;
do céo as scenas brilhantes
só se gosam do *Peni!*
Mais vinho! que a pinga é boa!
Mais vinho! que ha *chelpa* aqui!

Come, Isabel! vê se entornas
o *sino grande!*... Leonor!
tens as goelas fechadas?

dilata-as, dá-lhe calor!
Bebei, parodias d'Aspasias!
Contrabandistas do amor!

Ai que amor, ai que ternura
tinge o meu sujo peitilho!
Se Deus no céo me encaixára,
e me adoptasse por filho,
viria do céo ás noites,
beber aqui um quartilho!» —

Vêde o retrato do ebrio: Musculoso!
Quente suor inunda o seu carão!
No rosto requeimado impresso o vicio!
Os modos e o fallar de fanfarrão!

A testa longa, larga e descaida!
antigo mausuleu de mil segredos!
negro o cabello, e a barba comprida e aspera,
conhecel-o, leitor, como os teus dedos!

Foge á sanha feroz dos agiotas!

todas suas pesquizas são por ti!
com teu mano José, sabe, Roberto,
vae cazar-se Camilla, e estás aqui?

—«Mais vinho! que a pinga é boa!
E agora, minha Guiomar
Quero vêr-te ao pé de mim sentar!
Não me cantas a tua *lenga-lenga?*»—

Isto canta a Guiomar:

—«Viver na terra engeitada,
sem ter marido nem pae!
Ai!...
Ser a preza desses brutos,
Que bebem de mais á ceia!
Eia!...
Que tristeza! que supplicio!
Tão pobre! misquinha e só!...
Oh!...
Vêr no espelho um desengano!
O que eu sou, e o que eu já fui!...
Hui!...»—

CANTO IX

CANTO IX

A final de contas

Seis dias passaram. No setimo dia,
depois dessa farça que eu vi no *Penim*,
á porta da Sé de um caleche descia
linda noiva ornada de branco setim.

E no adro entre o povo se avista gritando
Roberto mui cheio de vinho e genebra;
as pernas lhe tremem, e ao corpo lhe faltam.
Por um triz que as ventas na lagea não quebra.

E nas escadas cahiu
ao pé da noiva tão bella;
mirou de roda um instante,
e nem tugiu nem mugiu.

Horas depois reinava a patuscada
e passavam dos actos celebrados
a festa de barriga, os despozados,
sobre meza do *Matta*, bem ornada.

Era o mez das colheitas. Barão feito
depois de tanto tempo andar á tuna,
gosa o negreiro os mimos da fortuna,
e chovem-lhe as commendas no seu peito!

Como espolio de boda tão fallada
um bebado ficava exposto ao vento,
tinha as pedras da rua por assento,
por folgasão cortejo... a garotada!

Que mais querem de nós? apoz tão dura
proeza d'agiota, ebrio de gloria?

apagaram acaso a negra historia
com mil commendas? Que nos quer a usura ?...

Quer insultar o velho Portugal,
que verga sob o juro, que o deprime!
Maldizei o meu nome, heroes do crime!
Defendei o meu canto, ó *Lei Penal!*

FIM

Pag. 13

«Minha noite ventosa do passeio»

Isto, minhas senhoras, é questão de pouca coragem. Deixem fallar o poeta e não as seduza a melodia dos seus versos. N'este não diz a verdade. Posso affiançar-lh'o. Querem saber o que elle faz no verão, quando o passeio está aberto á noite? depois de tomar o seu café no Martinho entre dois amigos, que se chegaram para elle com o intuito egoista de esquecer alguma dôr, porque ninguem póde estar triste ao pé de Manuel Roussado, tal é a graça com que matisa a conversação, dirige-se, acceso o charuto, para o passeio publico. Ninguem como elle sabe ler na physionomia d'este recinto classico de pretenciosos de toda a especie. Manuel Roussado atravessa o portão com aspecto sisudo, luneta no olho, cabeça levantada, charuto na bocca e bengalla em meio riste. O porteiro olha para elle e conhece-o. Manuel Roussado fita-o e vai andando.

Proximo ao tanque o rumorejar agitado dos chorões fal-o observar que ha vento. Encrespa então o sobr'olho e segue avante. Caminha e chegando á extremidade opposta percebe que o passeio publico foi aberto... para lá não ir ninguem. A banda de musica dos marinheiros da armada real faz no coreto o seu officio, desamparada de quando em quando pelo regente, o qual, para manter a estabilidade dos oculos sobre o seu nariz, se vê obrigado a segural-os com as mãos contra a impetuosidade do vento, que levanta nuvens de poeira, em prejuizo do compasso e da affinação. Manuel Roussado contempla instantes aquelle desolador espectaculo. Ninguem! O vento desabrido, apagando as luzes, a poeira invadindo os olhos e as ventas dos que teem o máu gosto de ali se conservar, são os encantos que offerece o passeio publico. O bello sexo apenas se acha ali representado por algum exemplar.... que não póde ser tomado em modelo. Affugentaram tudo o vento e a poeira. Desde a senhora da mais distincta sociedade até ao individuo mais obscuro e infimo de quantos frequentam o passeio, ninguem ali se vê n'aquellas noites. O vento e a poeira, eterno pesadello da filha do burguez, que espera encontrar o namorado e *gosar a dita* da presença d'elle por algumas horas, desconcertam muito plano, deitam por terra muita esperança, e cortam, quem sabe? frequentes vezes pela raiz, sympathias nascentes que só carecem de uma noite serena para desabrocharem calorosas paixões. Uma noite ventosa do passeio é tudo isto. Ainda é mais. A nota é que não póde ser maior, porque o livro pede que me restrinja. Deixem, pois, fallar o poeta. Quando faz vento e o passeio está ermo ou quasi

ermo, Manuel Roussado sahe de lá muito á pressa e vai para o theatro de D. Maria II, onde passa a noite no camarote do conselho dramatico, assistindo impassivel á representação de uma peça, que já viu representar vinte vezes, porque é uma creatura que vai sempre para onde foi na vespera e que contrahe habitos com a maior facilidade; ou vai para o *Price*, se está ainda aberto, onde como em qualquer logar se lhe não estanca a veia zombeteira. As noites de Manuel Roussado são outras, são aquellas, em que atulham o passeio milhares de passeantes, em que os olhares se crusam e em que elle corre sempre, atordoado pelo redemoinhar constante de tanta gente, fascinado pelo fulgor de alguns olhos brilhantes ou pelo tamanho problematico de uns pesinhos, que se mostram a furto, sustendo o corpo airoso e gentil de alguma formosa mulher. O que o maganão quer é enganar-nos quando diz: «minha noite ventosa do passeio.»

MATHEUS DE MAGALHÃES.

Pag. 14

Sorveu n'um beijo nuvens d'alvaiade

Não é só a semsaboria de ficar com a ponta do nariz caiada, é tambem um grande perigo para a saude, porque já se contam muitos casos de intoxicação sorvida n'um beijo. E por fatalidade são as damas menos avaras em os prodigalisar as que mais se enfarinham.

A censura não cabe só ás nossas patricias, nem só á nossa epocha, pois a mania de pintar a cara é antiquissi-

ma e tem atacado todos os povos. As francezas da côrte de Luiz xv, depois de metterem nas faces o mais alvo estuque, povoavam-as de *mouches* (moscas) que muitas vezes chegavam a attingir as proporções de verdadeiras carochas.

Os selvagens — selvagem quer dizer, o povo que não tem a nossa civilisação europea, quem sabe qual a tem melhor? — esses pintam o rosto de todas as cores, mas creio que tiram d'isso alguma vantagem, porque o preparo das tintas livra-os do contacto dos insectos e conserva-lhes mais frescura na pelle. As damas da velha Europa copiaram o uso dos povos barbaros, mas a copia saiu uma tolice e uma ridicularia, porque em logar de se pintarem de azul ou de roxo quizeram aperfeiçoar, exagerando-a, a propria natureza, e não conseguiram, coitadas, embaçar ninguem. Vantagem para si não tiram nenhuma outra mais do que economisar algumas innocentes abluções, que por um requintado luxo de desaccio inventaram ser nocivas á finura e elasticidade da cutis. Pobre protoxido d'hydrogenio!

As mais innocentes põem farinha de arroz; não me lembram agora as vantagens que dizem tirar do seu uso, quem tiver grande empenho em o saber procure a explicação scientifica nos annuncios e cartazes dos cabelleireiros, que lá ha de encontral-a por força. Se fosse possivel passar um ferro de engommar aquecido pelo rosto de uma d'estas innocentes, como se faz a um collarinho embebido em gomma, tirava-se uma mascara singular e curiosa, porque o lado interno é que havia de dar uma idéa exacta da phisionomia sujeita á experiencia, quer dizer que os nivela-

mentos e aterros feitos com farinha haviam de despegar-se da pelle condensando-se na mascara, e o terreno appareceria com todas as sinuosidades e accidentes naturaes.

Recommendamos a experiencia a algum D. Juan atraiçoado e que pretenda tirar uma atroz vingança.

A mulher, além dos multiplicadissimos defeitos, que infelizmente para todos são bem notorios, é essencialmente teimosa. Viu-se uma vez ao espelho quando tinha 20 annos (e que já se pintava) achou que lhe ficava bem aquella alvura resplandecente e as rosas juvenis com que se adornára, e continua sempre até aos 60 a apresentar invariavelmente o mesmo tom de colorido!

É incorrigivel! isso é, e a todos os respeitos. Perdõem-nos mesmo os crentes nas *damas das camelias*, mas a verdade é, que quando uma d'ellas abraçou uma vez o erro, não tem emenda possivel, morre no peccado; ao menos n'isso é constante! E isto é assim, apesar do que tem escripto muitos bons talentos querendo provar o contrario; teem dito cousas muito bonitas, mas que não passam de puras ficções de poetas. Lembra-me de uma imagem linda, que encontrei ha tempos, não sei se em Victor Hugo, e que não posso deixar de completar, porque o eximio poeta, apezar de eximio e por isso mesmo que é poeta a deixou ficar em meio. Diz elle (escusado é dizer que a phrase não é tão chocha, mas é pouco mais ou menos): de um charco, de um lamaçal infecto, asqueroso e repugnante, sóbe uma perola de agua limpida e pura, a poisar nas petalas da rosa, se um raio ardente de sol faz evaporar em ethereos gazes o que depois se vai condensar em tão formosa pureza; assim a mulher decahida se levanta ás

mais puras virtudes se um raio de amor lhe dardeja o coração. Até aqui o poeta, agora eu que vou acabar a figura, que elle deixou, de proposito, sem pernas e sem nariz, posto que bem esboçada.

A tal perola de agua depois de empoleirada sobre a rosa porta-se da seguinte maneira: apenas o sol *(o amante amado)* vai voltando a face para o outro hemispherio, irradiando ainda aquella luz tão meiga e tão entranhada de saudades, a rosa pende ligeiramente o collo de entristecida pela auzencia do seu querido astro e volta com mais fervor ainda, e como preces repassadas de doce esperança, os seus enebriantes aromas : a perola de agua, ella, apenas lhe falta a presença e o calor do que a elevára até aquella altura, é mais attrahida pelas phosphorecencias, que se geram no charco, não supporta já a fragrancia da rosa e deixa-se resvallar para o monturo d'onde sahira apenas por algumas horas. A mulher é isto, quando uma vez cahio no charco. Não ha cousa alguma que a levante. Por momentos ella propria se illude, imaginando sentir no lado esquerdo as pulsações do coração ; engano, são solavancos do estomago cançado de orgias e tudo se resolve em enojosas eructações. Não se cancem ; as proprias *damas das camelias*, com ares de sacrificio vão outra vez cair nos braços dos velhos e dinheirosos duques !

A quinquegenaria que manejou toda a sua vida o *blanc d'Hespagne* e o encarnado não sei d'onde, com o mesmo vigor e *tom quente* de um Miguel Angelo, se um dia de arrependimento se vê com a cara bem lavada, recua logo espavorida pelo effeito das manchas e encorreado da pelle, e vai correndo esbater quanta tinta possue no *boudoir* so-

bre as bochechas qual moço de droguista moendo tinta sobre a pedra. Anathema sobre os horriveis inventos dos charlatães, que não fazem senão estragar as brancas e desfeiar as morenas.

JOSÉ AVELLAR.

Pag. 11

Tanas, o Joãosinho e o galheteiro

O amigo M. Roussado author do poema heroi-comico—*Roberto ou a dominação dos agiotas*, em prova da sua amizade exigio de mim que fizesse uma nota ao citado verso. Parece que alguem quiz dar a esse verso um sentido que não tem, e por isso o amigo M. Roussado não quiz que elle fosse annotado senão pelo verdadeiro Tanas. Pois seja assim.

Eu declaro que tenho pouco geito para estas cousas. Mas emfim direi, como ha pouco escreveu um portuguez ha muito tempo longe da patria

MEU CARO M. ROUSSADO

Ahi finalmente vae
Esse *ridiculus mus*,
Que, sem d'elle seres pae,
Fizeste viesse á luz.

A nol-o deitar cá fóra
Levou seu tempo a montanha ;
Jámais com tanta demora
Se engendrou têa d'aranha.

Ha oito mezes que Manuel Roussado me pediu esta nota, e só agora, muito apoquentado por elle lancei mão da penna para cumprir os seus desejos. Mais tempo levam ás vezes os ministros a fazer um despacho, e o bispo do Porto a dar uma informação sobre um concurso documental feito na conformidade do decreto de 2 de janeiro de 1862.

O que eu prometto é fazer uma nota menos massadora do que um discurso do sr. Lopes Branco,

A cousa é difficil, tenho de fallar do *Tanas*, *do Joãosinho e do galheteiro*. Mas já agora não posso recuar. Nestas quatro horas é não pensar na *Revolução de Setembro*, fechar os livros, e cuidar de mim, e do Joãosinho e do galheteiro que Roussado, no livre exercicio da sua liberdade poetica, associou ao *Tanas*.

Eu creio pouco em poetas, dizem cousas muito bonitas, mas não póde a gente contar muito com elles. A companhia das musas torna-os inhabeis para a vida publica, aonde não costumam fazer uma figura muito brilhante. Manuel Roussado tornado ministro era da gente emigrar, porque é um homem muito esquecido, e que qualquer dia era capaz de responder ás accusações da opposição com uma chistosa tirada em verso. Garrett foi e é uma das maiores glorias da nossa terra, valia muito, e como politico não deixou de fazer asneira. O sr. Antonio Feliciano de Castilho, um dos primeiros vultos litterarios da nossa terra, não póde fazer fortuna como jornalista na *Restauração*, porque deffendeu com poesia a politica de um dos mais *prosaicos* caracteres, cá da nossa terra, antithese que só podia sair da cabeça de um poeta.

A. de Serpa afogou a veia poetica no contracto Langlois,

e d'esse poeta politico o que nos resta hoje? Os artigos frios e ferinos do *Jornal do Commercio*. Augusto Lima, poeta de grandes esperanças, entretem-se agora com os regedores, e consome a vida a descobrir os refractarios ao recrutamento. Rodrigues Cordeiro reduz a portuguez que se entenda os discursos de alguns deputados muito falladores e pouco pensadores. Cunha Belem manda para o hospital os doentes de infanteria 16. João de Lemos, poeta distincto, e um honrado e leal caracter, escreve alguns artigos na *Nação*, e nem sequer já canta. Thomaz Ribeiro, poeta como aquelles que o são, mancebo de um coração generoso, homem honesto, não se tem dado bem com a politica, apezar dos muitos cumprimentos que lhe fez o sr. Fontes Pereira de Mello por occasião da discussão da questão do ensino.

E ia-me esquecendo o verso.

Vamos ao *Tanas*. Approveito a occasião, para explicar de uma vez e para sempre ao respeitavel publico a razão porque me chamam *Tanas*.

Cursando a Universidade de Coimbra, e sendo *novato*, quiz comprar um bilhete para assistir a uma recita do theatro da *Academia Dramatica*. Chegando á porta do theatro perguntei a um academico, a quem por antonomasia chamavam —*o visinho Raymundo*— onde se vendiam os bilhetes, e quem os vendia. Respondeu-me elle, que subisse e procurasse o sr. Tanas que era a pessoa que vendia os bilhetes. Subi effectivamente, estava um individuo a vender os bilhetes, e eu cheguei-me ao pé d'elle, e disse — Ó sr. Tanas faz favor de me vender um bilhete. — Mas, agora o verás, o homem deu-me uma resposta tor-

ta, eu repliquei, complicou-se o negocio, e pouco faltou para que não entrassemos na scena do classico socco. D'ahi por diante os academicos honraram-me com o nome de Tanas, e cá o tenho *de jure e herdade*, visto que teve a confirmação e o beneplacito do sr. Sampaio da *Revolução*. Se alguem m'o rouba, intento logo uma acção de perdas e damnos.

Aqui está a historia da alcunha —*Tanas*.

Já houve uns *santos missionarios*, que, para fins politicos, proclamaram que a palavra—*tanas*—queria dizer—*impiedade*, e me condemnaram ás fogueiras do inferno. A cerebrina interpretação da palavra ficou logo pertencendo á collecção já volumosa das *bernardices ecclesiasticas*; e quanto á condemnação ás penas eternas, ri-me d'ella lembrando-me que felizmente nunca chegam ao céo as vozes de... tão bons catholicos, varões tão tementes a Deus !

Eu desprezo as injurias dos taes missionarios. Béranger conhecia bem esta casta de gente

> Satan dit un jour à ses pairs :
> On en veut à nos hordes ;
> C'est en éclairant l'univers
> Q'on éteint les discordes.
> Par brevet d'invention,
> J'ordonne une mission,
> En vendant des prières,
> Vite soufflons, soufflons, morbleu !
> Eteignons les lumières
> Et rallumons le feu.

Como o poema de Manuel Roussado ha de ser lido pelas gerações futuras cumpre-me declarar aqui para illuci-

dação das mesmas gerações com respeito á minha pessoa, que sou redactor do *Portuguez*, que o *Poço* a que o poeta se refere é o do Borratem, onde houve uma sociedade patriotica na qual fallei algumas vezes, porque amo a liberdade e desprezo os jezuitas.

Quanto ao *Joãosinho*, eu não sei nada deshonroso para elle. É hoje um velho caturra, morrerá descontente por não ter saido brigadeiro de *galão branco*, mas é um homem honrado, e amigo da liberdade. Presta-se ás vezes ao ridiculo, mas não devemos ser nós os rapazes os que devemos fazer côro com os que escarnecem dos velhos liberaes.

Joãosinho foi por muito tempo administrador geral do pescado, e foi coronel de segunda linha, e ultimamente do segundo batalhão movel de atiradores, o qual tomou o nome do seu commandante.

A respeito do *galheteiro*, que poderei eu dizer? Que assisti á inauguração de um monumento a D. Pedro IV, e que por fim appareceu o tal *galheteiro*, que gosa das honras de uma sentinella da municipal.

Aquillo é uma vergonha para o paiz É preciso derrubar o *galheteiro*, e levantar ali um monumento decente á memoria do rei soldado, do monarcha que abolio os dizimos, e que acabou com os frades.

Não tenho mais nada a dizer. A linguagem d'esta nota não é vernacula, nem tem pretenções a isso, e portanto, feita esta declaração, não se incommode em a analysar por esse lado o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

Lisboa 15 de novembro de 1863.

JOÃO FELIX RODRIGUES.

NOTA Á NOTA

O Rocio já está limpo do galheteiro, o qual devia commemorar a victoria alcançada pelas idéas liberaes. E chamou-se-lhe galheteiro porque a victoria foi para uns azeite e para outros vinagre, e porque semelhante pedestal ficou muito salgado para o paiz.

Pag. 45

O pae que fôra capitão da Carta

Que profundas cogitações não está pedindo este verso na apparencia tão innocente! E pede-me o amigo uma simples *nota* para elle! Uma loja de cambista era ainda pouco para o trocar a miudos. Como porém desejo servil-o, ahi vão as seguintes explicações sobrescriptadas á posteridade, se é que no correio nos admittem franquia para tão longe; de que eu, pela parte que me toca, sinceramente duvido.

O que foi e é a Carta, hão de sabel-o as gerações futuras menos pelas garantias politicas que ella nos assegurou, que pela muita bordoada a que serviu de pretexto a sua outorga, creio que é assim que se chama em S. Bento, e nos artigos de fundo, ao acto de mandar imprimir e fazer correr o *codigo venerando das liberdades patrias*. Olhe que este codigo venerando é molho de pastelleiro, sem o qual já está entendido que não ha Carta, a não ser de namoro ou de alforria. Desculpe-me ter-lhe impingido este calão politico-liberal importado do Mindello, para uso de todos os rabiscadores alcunhados de publicistas pela benevolencia de um quarto dos leitores de gazetas, e pela inepcia dos outros tres quartos.

Vamos nós agora ao caso. Entenderam os nossos homens de estado (em bem ruim estado alguns d'elles) que a Carta, para ser completa, precisava de um *post-scriptum* e puzeram-lh'o de carne e osso, inventando o tal batalhão a que o meu amigo se refere. O meu barbeiro que teve a gloria de pertencer a esta milicia *urbana* (não faça caso do epitheto) contou-me cousas do arco da velha da tincta patriotica dos seus camaradas, que, por consideração com os mortos, omitto n'este logar. Um soldado da Carta, isolado, era um cidadão como outro qualquer, isto é, fugia a pagar os impostos, punha luminarias no dia 31 de julho, e enxotava de si os credores a titulo de setembristas.

Diz-se das crianças : que uma só é um anginho, e duas uns diabinhos. Os soldados da Carta eram assim tambem. Em se juntando meia duzia d'elles era da gente que os encontrava se benzer tres vezes. Ignoro se Francisco Perdigão, pae da senhora Camilla Augusta, heroina do seu poema, pertenceu em tempo aos apalpadores das costellas alheias, o que sei é que a Carta, outorgada em 1826, ainda em 1847 rendia muita cacetada ! Um amigo meu, dado a estudos estatisticos, affirmou-me ainda ha pouco tempo que a receita mais sem *quebra* que o paiz tem tido n'este meio seculo é a de cabeças *quebradas*... por politica ! Por *má creação* diria um calemburista... da praça da Figueira.

A parte que o batalhão da Carta tomou n'esta farça da politica em que todos nós andámos de narizes postiços até ao *acto addicional*, sabem-n'a os boticarios melhor que ninguem pelos muitos *pontos* que a *segunda linha* os obrigou a pôr nas cabeças de inoffensivos freguezes, um gran-

de numero de vezes só por lhes faltar a voz para cantar a semsaborissima :

«Liberal constituição!»

Como complemento de informação, e para que o figurino se não perca, direi ao meu amigo para que assim o faça constar aos seus leitores (estylo de portaria) que o soldado da Carta fardava côr de tabaco, e enterrava o bonnet pela cabeça abaixo até onde as orelhas lh'o permittiam.

O cartista puro entrava *de borla* em S. Carlos em dias de grande galla, e era elle que entoava «os vivas» sacramentaes ao *codigo venerando*, á familia real, e ao sr. conde de Thomar! Até os vivas acabaram n'esta boa terra de Portugal! Esta antigualha nacional morreu abraçada ao batalhão da Carta, a que bastantes vezes a imprensa chamou-o *sustentaculo das instituições vigentes, e o palladio das publicas liberdades!*

Note o meu amigo de passagem a cortezia com que os adjectivos dão sempre a direita aos substantivos n'estas phrazes feitas para uso dos liberaes estudiosos.

Se os corpos collectivos tem ascendentes eu fico desconfiado, em quanto algum genealogista me não provar o contrario, que o batalhão da Carta tinha uma costella das antigas ordenanças se não pelos bons serviços que estas prestaram ao paiz, ao menos pelo mal que marchavam em linha nos dias de parada... unicos de verdadeira gloria para aquelle corpo... sem alma.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Pag. 58

E o prenda ahi nas ruas a cordel

Depois de fazer deputados e de abrir testamentos, uma das principaes e mais laboriosas tarefas de um regedor de parochia é prender refractarios.

Mas não cuide ninguem que a idéa que um regedor de parochia liga a este vocabulo é a mesma que ligavam Moraes ou Constancio; não senhores: para estes dois lexicographos refractario *era o que faltava á promessa*, mas para um senhor regedor, aquella palavra significa um homem qualquer que um conjunto de circumstancias deve levar a assentar praça, e que talvez no futuro tenha de ir adubar as colonias, á falta de guano e estrume, se assim o entender algum liberal rasgado.

As causas para ser preso um refractario são diversas, varias, complexas. A fórma de o prender é só uma: é agarrado, como um boi á unha.

Se um eleitor não aceita a lista de regedor na vespera da eleição, póde acontecer, se o tal regedor fôr vingativo, que o filho, d'esse eleitor se o tiver, seja considerado como refractario.

Se um cabo, fundando-se no codigo administrativo, não quer continuar a ser *lictor* d'estes modernos *consules*, a quem a lei denomina regedores de parochia, póde ter por castigo, *não uma deportação*, mas ser julgado refractario.

Finalmente se o regedor quer servir o verdadeiro re-

fractario então vai para a rua, acompanhado do seu exercito policial, e o primeiro rapaz de jaqueta, que tem a infelicidade de passar, substitue aquelle que a sorte designou, porque o nosso heróe administrativo, profundo sectario dos principios economicos, encontra alli a fórma de prestar homenagem á *divisão do trabalho*: em quanto uns tiram a sorte, outros vão servir nas fileiras.

Observemos agora a maneira porque esta engrenagem de publica administração se move para prender o pacifico cidadão.

À esquina de uma rua ou ás embocaduras de qualquer largo estacionam alguns cabos de policia: uns armados de durindanas, que fazem lembrar as façanhas dos templarios, outros com espadas de cavallaria que são uma como especie de idéa associada ás conquistas do grande Alexandre, finalmente o resto, prestando culto ao seu espirito demasiadamente civil e sympathisando mais com as insignias da paz do que com as da guerra, apenas trazem como distinctivo da authoridade duas iniciaes no bonet, que elles traduzem por *cabo de tal freguezia*, e que a rapaziada interpreta mais ou menos burlescamente.

No meio dos cabos, como general no meio dos esquadrões, está o senhor regedor, lendo, para aproveitar o tempo a lei eleitoral para saber até onde ella consente a sua interferencia na eleição de deputados, e ao mesmo tempo para averiguar se as *listas brancas* devem ser ou não contadas.

Não descrevemos aqui os caracteres do regedor, porque elles são varios e differentes: uns são gordos, outros são magros: uns baixos, outros altos mas no que todos se as-

semelham e parecem, e o unico ponto que ha de contacto entre elles é em *não quererem deixar de ser regedores*. O regedor antes quer ser asfixiado, fuzilado ou mesmo deportado a *titulo de passeio até Angola* do que ser demittido. A sorte grande é menos tentadora do que a portaria de reconducção. As delicias da regedoria são para elle as de Capua. Os arabes teem na sua philosophia religiosa tres grandes idéas: Deus, o alcorão e o propheta: nós que em coisas politicas nos vamos aproximando dos arabes, graças ao progresso rasgado, com que nos teem mimoseado, tambem temos em administração tres grandes idéas : o ministro do reino, o senhor regedor, e a lei eleitoral.

Voltemos, porém, ao assumpto principal e deixemos a digressão. Quando os cabos estão assim postados e o seu chefe designa os logares que cada um deve occupar, a attenção de todos é para os homens que passam, vestindo jaqueta, porque cada um póde tornar-se um recruta e depois de recruta um bom soldado. Passa a final um e contra a lei, contra o progresso, contra a civilisação lá vai o pobre cidadão até ao governo civil para ver se possue todos os requisitos para ser militar, porque se os possue esteja certo que de nada lhe valerá a lei do recrutamento.

O pobre moço, apanhado assim á unha pelo regedor e cabos, imitação dos bois agarrados á unha no campo de *Sant'Anna*, nunca póde ser um bom soldado, mas que importa se o paiz conta mais um defensor, o exercito mais uma praça e o regedor mais um serviço?

É isto que o povo chama na sua linguagem poetica *prisões a cordel*, cordel que para honra da nação, para con-

veniencia das coisas militares e para respeito da lei fundamental do estado devia já ter sido quebrado.

SERZEDELLO, JUNIOR.

Pag. 86

Sem bailar em nenhum noticiario

Os Achilles pedem os Homeros, os Gamas precisam dos Camões, os grandes typos em geral requerem estatuarios sublimes, que transmittam á posteridade, gravada no marmore, a sua effigie magestosa.

Admittido este principio, como poderei eu descrever condignamente esse vulto de epopéa, ornamento do seculo actual, que será conhecido na historia da nossa epocha pelo nome de noticiarista?

Os nossos antepassados viviam realmente uma vida semsabor! Não tinham camaras, não tinham phosphoros, não tinham cabos de policia, e não tinham noticiaristas! Pobre gente!

Como podiam elles viver sem conhecer a existencia das melancias monstruosas, sem suspeitar os macrobios, sem investigar os mysterios da parte de policia! Não percebo.

Felizmente n'este seculo viçou rapidamente este arbusto litterario, e com tão bom resultado, que, estendendo as ramas frondentes por toda a imprensa, se tem já subdividido em innumeras especies, a qual mais interessante.

N'este rapido esboço citarei apenas as principaes.

São tres: o noticiarista cavernoso, o noticiarista peralta, e o noticiarista bemaventurado.

O noticiarista cavernoso, terror da camara municipal, invoca a civilisação e o progresso para se operar uma mudança no systema de numeração das portas, dá parte da existencia de um paredão n'um canto de Lisboa, e termina com esta phrase: Ai! misero Portugal, quando entrarás na senda dos povos illustrados?

O noticiarista cavernoso encontra-se na rua cabisbaixo, perscrutando os mysterios dos chafarizes, e farejando os cautelleiros, que entram nas escadas. Anda a investigar acontecimentos lugubres. Vós que o encontraes, cumprimentai-o e passai. É um martyr do sentimentalismo jornalistico. Procura o titulo ideal, a pedra philosophal do noticiario, o cubiçado vello d'oiro d'estes Argonautas litterarios, o titulo—crime horrivel—emfim.

Para esta secção tenebrosa fornecem os jornaes provincianos immensos materiaes. Mas se por acaso não vieram crimes da provincia, lá sái do escriptorio da redacção o noticiarista cavernoso, atravessa as ruas da capital, amaldiçoando o temperamento virtuoso dos seus compatriotas, resolve-se quasi a ir jogar a vermelhinha para ter occasião de fulminar conscienciosamente a camara municipal, que permitte espectaculos d'estes nas ruas de uma cidade civilisada, e volta finalmente á imprensa, allucinado, com os cabellos em pé, entra com passo lento, estende a mão tremente, e manda com voz melodramatica imprimir os accordãos do tribunal de contas.

N'esses dias de máo humor, é terrivel o noticiarista!

Trata com pungente ironia os capatazes das bombas, estranha o procedimento dos cabos de policia, e falla negligentemente dos divertimentos publicos.

Passo agora a tratar do noticiarista peralta, d'esse mimo da litteratura, d'esse typo aromatisado, que passeia a sua nullidade bordada de pretenções pelas ruas da cidade, e pelos becos do *beau langage*.

O noticiarista peralta occupa-se com predilecção do theatro lyrico ; é elle quem falla no *bravo* tenor, é elle quem elogia o *dó* do peito n'uma linguagem que Fetis ou Scudo chamariam *ré* de pretenciosa ignorancia, é elle quem faz uma incursão temerosa nos campos da politica, indo de *refuerzo* aos Morillos do artigo de fundo. É elle quem faz vacillar de vez em quando os ministerios com um *calembourg* venerando pela sua antiguidade, e que faria suar em bica os homens notaveis do paiz se elles soubessem da existencia do *calembouriste* de noticiario.

Mas onde o noticiarista peralta mostra os immensos recursos da sua vasta intelligencia é na descripção dos jantares diplomaticos. Empoleirado no pedestal da lista do jantar, apparece n'uma attitude olympica aos olhos deslumbrados do fascinado burguez. O leitor, quando lê o artigo, está percebendo o sorriso indolentemente vaidoso do noticiarista, que, tomando os seus ares de iniciado nos mysterios da gastronomia aristocratica vai escrevendo a lista franceza d'esses manjares de Deuses. Como o burguez admira o luxuoso requinte d'esses Lucullos, que, na phrase do noticiarista, comem *haricots verts*, em quanto elle, pobre plebeu não passa de comer feijões verdes!

E como o noticiarista peralta se eleva aos olhos dos leitores!

E como a posteridade ha de admirar esse homem portentoso, que n'um jantar dado para solemnisar um gran-

de principio ou um grande acontecimento, só considerou importantes as sopas e os vinhos!

Por isso para mim o noticiarista peralta é a mais perfeita expressão d'esse typo notavel da sociedade contemporanea!

Esse typinho perfumadinho, de chapéo ao lado, e voz aflautada se entra nos desvãos sombrios da parte de policia não é como o seu collega cavernoso a procurar inspirações melodramaticas, é sim para mostrar os seus recursos mythologicos, tratando as bebedeiras dos marujos no estylo pomposo de um poeta arcadico.

Eu nem sei como hei de analysar a ultima especie, a especie dos bemaventurados.

Esses, zelosos da salvação de sua alma, escrevem só para ter jus ao reino dos céos, esses dão parte ao publico da constipação do sr. João Fernandes, zeloso varredor de uma secretaria, e dirigem votos ao céo para o prompto restabelecimento de tão distincto funccionario.

Variam estas noticias com observações curiosas ácerca da chuva e da trovoada, mencionando os circulos que rodeavam a lua, e asseverando que o vento se conserva da barra.

Não lhe esquecem os lausperennes, e os santos que se festejam no dia em que sáe o jornal.

Ahi tem as manifestações d'esse Deus trino da litteratura, Vishnou do jornalismo, que se encarrega de fazer as reputações.

Parece-me que os leitores hão de perceber agora o grande alcance do verso do poema.

Quem não terá dó de um desgraçado, para quem o no-

ticiarista olha com desdem, e que passa a sua vida, como diz o chistoso author d'este livro «sem bailar em nenhum noticiario.»

M. PINHEIRO CHAGAS.

Pag. 86

Sem coisas estudar transcendentaes

Isto, diga-se sem falsa modestia, é menos uma nota para commentadores do que theorema para ideologos. O adjectivo *transcendental* é hoje quasi exclusivamente aplicado á philosophia d'alem-Rheno, vulgarmente chamada philosophia allemã, professada entre outros por Kant, Krause e Fichte, philosophos cavos e profundos a quem as libações do vinho de *Johannisberg* allumiaram as elevadas concepções da sciencia transcendente.

Fichte reduz toda esta sciencia, que elle appellida de sciencia da sciencia, a este principio:

$$A = A, eu = eu.$$

Vejam se podem entender!

Que concepção grandiosa e insondavel!

Um escriptor já sustentou que o cerebro dos grandes pensadores germanicos era uma poncheira permanente de *rhum*, e que as concepções d'elles eram as labaredas ora ardentes, ora sombrias do ponche. Deixo a responsabilidade inteira d'esta comparação ao tal author da critica bachante ou corybante, que a escreveu em letra redonda.

Ignoro pois o estado actual da sciencia. Qual de tantos philosophos terá acertado com a vereda escabrosa das cogitações phenomonologicas (palavra tão grande como a

sciencia)? Leibnitz já passou de moda como as suas mónadas. Sustentava elle que um ente superior que conhecesse uma só mónada veria n'ella como n'um espelho tudo o que se passa em todas as outras que com ella estão em relação. Esta theoria applicada a um amante tornava-o a mais desditosa de todas as creaturas.

Imaginem o pobre homem a ler para dentro da sua mónada (a sua querida) como quem lê n'uma vidraça, ou n'um letreiro de porcelana muita cousa, tudo talvez o que succede com todas as outras mulheres a respeito de seus correlativos amantes.

Que traições, indifferenças e odios não contemplariam no intimo da mónada amorosa!

A substancia de Spinosa já não é acceita da sciencia. A estatua cheiro de rosa de Condillac, que quando passa a cheiro de violetta, se lembra do primitivo perfume, ou por outra palavra o systema da sensação transformada não gosa de melhor fortuna.

O enthusiasmo das turbas *transcendentes* condensou-se sobre a philosophia de Hume, doutrina sceptica e desconsoladora que arrasta o espirito aos abysmos da duvida e á negação de todas as causas superiores; applaudio a theoria melancholica de Kant, em que o philosopho de Koenigsberg a quem são apenas superiores Descartes e Leibnitz emitte a opinião de que a desgraça prepondera fatalmente sobre a felicidade no destino do homem honesto; victoriou Fichte que sustenta que nós não sabemos nada do mundo exterior e que não existe a realidade *objectiva;* e proclamou como o apogeo da sciencia *transcendental* a unidade absoluta de Schelling, para quem todos

os seres são puros phenomenos, incluindo este seu criado e os leitores á excepção de Deus, a quem o illustre philosopho chama ente absoluto e eterno, o que da parte de um ideologo allemão, por via de regra, cangirão humano de cerveja, bebedor de *kummel* e que devora biscoitos de Hamburgo e calhamaços da feira de Leipsick como a Galletti engole notas em S. Carlos, é já elevada distincção e cumprimento rasgado!

Não reparem se lhes não fallo de Krause e de Hegel: reservo-me para a terceira edição d'este poema.

Entre nós quem acha confusão nas idéas, embaraço na expressão, e nutre a consciencia de só poder aspirar a capataz na alfandega litteraria, rebuça-se na philosophia transcendente como um sebastianista no seu capote de camelão. Poucos conheço que não sejam pedantes acabados e massadores insuportaveis. Ver eu um philosopho transcendente é o mesmo que ver um esbirro do tabaco, uma corista de S. Carlos, um director de philarmonica, ou qualquer outro flagello social.

Sob este sol esplendido de Portugal, antithese brilhante das nevoas pardacentas e sinistras do céo do *Fausto* de Goethe e dos *Salteadores* de Schiller, transcendental é só o que no mundo objectivo dos factos carece de facil e trivial explicação. *Transcendental* é por exemplo o capitalista que tendo partido para o Brazil com o pé orphão de meias e a algibeira erma de qualquer somma, regressa em dois annos possuidor de uma fortuna colossal de 600 ou 1000 contos de réis. Póde um d'estes heróes valer mais do que uma duzia de Kranses.

Transcendental é o homem que debaixo dos olhos de

todos os delegados do procurador regio, e de todos os administradores de concelho, cabos e regedores consegue inundar o paiz inteiro de notas falsas, e que em vez de gemer no fundo de um carcere enfumado e humido, arrastando as pesadas cadeias que prendem ao cepo o criminoso, volteie doidejante nas piruetas elegantes da masurka nos salões dourados, entre duas allas de mulheres velhas, avidas de descontarem os juros da sua belleza naquelle balcão vivo de infamias. Este valle pelo menos cem Fichtes.

Transcendental entre nós é o orçamento do estado, o agiota imberbe a quem a natureza, antes de prendar com os dentes, armou no berço com as garras de usura. *Transcendental* é a mulher que de um orçamento estreito de 300 ou 400 mil réis annuaes extrahe uma receita de fabuloso elasterio que vae até ao insulto publico da carruagem effectiva, e ao escandalo diario das *toilettes* magnificentes, enlouquecendo-nos com os seus opulentos caprichos, todos tramados de oiro; porque o capricho facil, gratuito, e barato, como por exemplo o passear na Lage e tomar alli caramello com agua fria, estando-se a transpirar, ouvir a musica do Passeio e assistir á abertura das Côrtes, já deixou de se reputar assim entre as melhores elegantes, tudo isso é um anachronismo como os pastores de Mr. de Florian, vestidos de seda, e com fitinhas côr de rosa pendentes do cajado, ou como as cartas de amores em cujo topo se veem dois cupidinhos nada phtisicos a frecharem-se com settas côr de fogo, prospecto de incendio que não póde deixar de attrahir a attenção cuidadosa dos bombeiros municipaes.

Transcendental é o merceiro que tomando chá pela primeira vez depois de gosar dos direitos de eleitor, e de condecorado por Deus com o dente do siso, apparece n'uma manhã visconde dos figos ou das mantas, graças á graça official do *Diario* e a alguma esmola *espontanea e modesta* com que á custa de alguma victima dotou o hospital dos cães no instituto agricola. Transcendental é o que não é serio, regular, acceitavel; é, n'uma palavra, o que sabe fóra do senso commum. E com tudo nada menos commum, nem mais raro do que este!

RICARDO GUIMARÃES.

Pag. 86

«Sem habito da ordem—San Thiago»

Quem lê hoje este verso cuida que o nosso poeta alludiu á ordem do lagarto depois de ultimamente reformada. Não é assim. Não se amofinem os litteratos. Aquella allusão é á ordem de San-Thiago da Espada que pela carta de lei de 19 de junho de 1787 tinha por fim premiar o merito civil.

Póde suspeitar-se comtudo que houve aqui inspiração prophetica. No imperio de Augusto a Sybilla de Cumas presagiava o nascimento de Christo n'estes bellos versos de Virgilio:

Jam redit et virgo, redeunt saturina regna:
Jam nova pogenies cœlo demittitur alto.

que admira que Manuel Roussado aventasse a reforma achando-se no seu advento, e fosse o precursor d'esta grande regeneração de fitas e veneras? As grandes idéas andam ás vezes na atmosphera, enfiltram-se nos espiritos não sei por que secretos canaes, e ora dominam o homem, ora são dominadas por elle.

A 2 de outubro de 1862 remettia Manuel Roussado o seu poema a Thomaz Ribeiro, e a 10 devolveu-lh'o este com a sua resposta. A 31 assignava-se o alvará que restringia a ordem ao merito scientifico, litterario e artistico. Á nova ordem chamou-se-lhe *antiga*, á antiga pouco faltou para se lhe chamar moderna. Ha pessoas assim; não querem passar por velhas na edade, mas querem figurar como antigas na origem.

Querem de certo saber o que era a ordem de San-Thiago, e como ella nasceu. Ouçam:

Segundo o *Escudo dos Cavalleiros*, obra escripta no anno de 1670 por fr. Jacintho das Dores, a ordem de San-Thiago nasceu no anno de 845 depois da batalha de Clavijo em Hespanha; e em 1112 diziam alguns que havia cavalleiros d'esta ordem em Portugal. Diz o mesmo author que a *regra de Aviz* lhe dava um principio abominavel, dedicada ao demonio, mas que se convertera a Deus no anno de 1175, que é o da confirmação do papa; e que entre nós estivera por muito tempo sujeita ao mestre de Castella.

A *regra de Aviz* quer sustentar a sua antiguidade por ser confirmada pelo papa em 1147, mas reputa-se antiquissima por não se lhe achar começo, e continua:

...«Pois se alguma outra milicia se podia oppôr com

«esta ao mais antigo logar, era a de San-Thiago, que co-
«meçou muito tempo antes do rei D. Affonso Henriques;
«porém inhabilitou-se com tomar para seu primeiro mes-
«tre ao diabo, cujos cavalleiros se chamavam os profes-
«sos n'ella, tendo por instituto da sua milicia não deixa-
«rem de commetter caso por abominavel que fosse, con-
«tra a lei de Deus, e em prejuizo da christandade: como
«no principio da sua regra se refere, e é cousa sem duvi-
«da. Depois do que vieram inspirados pela graça divina;
«e deixando o abominavel tracto em que andavam, pro-
«poseram fazer do seu ajuntamento um muro (como com
«effeito fizeram) com que a christandade se defendesse da
«multidão de mouros que andava por Hespanha etc., etc.»

Pelo que se vê o começo da ordem não foi muito nobre; mas as cousas humanas são na maior parte assim. O crime traz a riqueza, a riqueza traz as fitas, as condecorações, os titulos; os titulos transmittem a nobresa, que ás vezes volta á sua origem e acaba como principiou. Não queira Deus que esta seja assim. Não o será na nossa vida, porque nol'o affiança a honradez dos seus membros actuaes e a nenhuma consideração que promette ter no futuro pela força das idéas de egualdade que hão de, mais tarde ou mais cedo, acabar com estas reliquias de tempos com os quaes ellas deviam ter morrido.

Outubro, 31 de 1863.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO.

Pag. 86 e 108

Sem nas côrtes ouvir Zé de Moraes
. . . .
Oh! fallem «Coruscantes e Rarisims»
Ma dos falladores tão seccante.

Segundo me affiançou, sob a sua mais solemne palavra, o illustre poeta author do Roberto, não ha, n'estes versos, referencia a individuos.

O salão de S. Bento, considerado como museu politico, é abundante em especies indigenas ainda não abrangidas n'uma classificação geral. O novo Cuvier que se encarregar do trabalho de as descrever póde contar com uma gloria certa, e um cantinho no pantheon da sociedade protectora dos animaes.

Esta nota não tem aspirações tão altas. É apenas um subsidio para a grande obra. Para pouparmos ás gerações futuras os embaraços inauditos de recomporem por algum osso perdido de qualquer Coruscante as proveniencias zoologico-politicas de uma especie, que floresce nos nossos dias com tão grande luzimento da gloria nacional, aqui lhes deixamos registados os seus caracteres mais essenciaes.

Os typos a que o poeta se quiz referir nos versos que anotamos são os representantes da especie *deputados tagarellas*; pertence esta especie ao genero *economistas de balcão*, que descende da familia dos *estadistas de sachristia* e provem da classe a que se dá ordinariamente o nome de *illustrações de campanario*.

A qualidade predominante d'estes bipedes, que por um triz não são Demosthenes, e que, talvez por um descuido da natureza, não se classificam a par dos Chympansés, é a garrulice. Teem para seu uso uma linguagem exclusiva, que se vinga da dependencia em que a trazem acorrentada os patronos eleitoraes, proclamando-se independente da grammatica e do senso commum. O deputado tagarella não se esquiva ás questões economicas, nem ás altas questões politicas. Escreve como mote na sua bandeira que o ser rico está em muito poupar e não em muito gastar. Este aphorismo de balcão applica-o logicamente ás finanças publicas sempre que sóbe á tribuna para matar o deficit do orçamento, que é o seu mais horrivel pesadello. Nas horas em que a pasta da fazenda lhe faz negaças á ambição immodesta, pensa elle que cerceando 65 réis em cada verba de despeza publica, o paiz entraria rapidamente no caminho da sua regeneração economica. Este convencimento sincero é digno de louvor.

Em tricas parlamentares e peripecias da comedia politica o deputado tagarella não é menos experimentado do que qualquer outro que tenha compulsado os livros de Machiavel. Nasceram-lhe os dentes a manipular eleições. O theatro das suas espertezas, que lhe serve tambem de escola pratica de diplomacia, é ordinariamente a sachristia, onde se decidem os interesses da irmandade do Santissimo da qual é mezario, accumulando de facto em si as attribuições de todos os cargos, pela astucia com que sabe insinuar-se e tomar inteira posse do animo dos seus confrades. Ha por ahi muitos suppostos Taleyrands que não seriam aptos para tanto.

Vimos o deputado tagarella importante na scena publica, admiremol-o agora prestadio no tracto familiar. Tomando a sério o titulo de procurador dos povos, é não só procurador mas até commissario diligente dos eleitores que lhe conferiram o glorioso diploma. Á devoção reune a actividade. Antes de entrar na camara, onde é dos primeiros, já elle tem subido as escadas das secretarias, corrido os bazares de Lisboa, entrado nas lojas principaes dos arruamentos da baixa. Chovem-lhe as cartas e os pedidos dos constituintes. É o processo de um compadre, a pretenção de uma notabilidade, o chapéo para a mulher do regedor, as botinhas para a filha do boticario influente, o duraque para o cabo de policia que lhe angariou algumas dezenas de votos, são mil encommendas, que não lhe deixam hora de descanço na sua vida toda dedicada aos interesses dos eleitores e aos altos negocios do paiz.

Estes dotes todos tornam o deputado tagarella um homem importante entre os collegas da camara e quasi um semi-deus para os patricios da provincia. O seu regresso á terra natal, ao ninho glorioso que lhe deu o ser, ainda não foi descripto, nem o será em quanto algum Gavarni nacional não tomar o encargo de legar esse quadro á posteridade, ou a muza zombeteira do author do Roberto não quizer ir buscar ali inspiração para um novo poema comico.

RICARDO CORDEIRO.

Pag. 98

Sem'scorregar na lama do Chiado...

Quem não resou o credo em cruz tres vezes em dia de siberica inverneira ao ver-se á beira d'esse papacento pélago de lodo, conhecido em Lisboa pelo fatidico nome de *lama do Chiado?* Uma viagem á Australia é menos perigosa e muito mais pittoresca que a passagem d'aquelle *mare magnum* de vasa. O viandante para se aventurar a atravessal-o precisa premunir-se de uma carta topographica, de um chronometro, e de uma bussola para dirigir sua derrôta, pois vae passar o estreito dos Dardanellos, ou peor ainda, vingar o cabo Tormentorio! Quem estiver nas alturas das ruas da Prata, Augusta ou do Ouro e quizer dirigir-se ao Largo das duas Egrejas tem de calcular a longitude e latitude da lama para costear á terra pelo lado Norte, ou Sul, conforme melhor lhe parecer o rumo, para evitar os baixios e salvar-se de infallivel naufragio. O provinciano recem-chegado a Lisboa, quando se dirige para aquellas bandas, lembra-se com horror da ultima recommendação que lhe fizeram ao despedir-se da sua terra: — «Deus te acompanhe, filho; te livre de ladrões, e de precipicios, e te ponha a salvo da *lama do Chiado.*» E eil-o que se prepara de capa, polainas, e galochas de *caoutchou* ou de botas de agua impermeaveis para vadear esse estupendo lamaçal, aonde uma queda produziria a morte instantanea por meio da axphixia; e morrer affogado, como o carrapato na lama, seria a suprema degradação da especie hu-

mana! Vós todos os que tendes de affrontar os perigos d'esse quarto elemento, cuja introducção entre nós data do imperio do sr. Vaz Rans, não comprehendeis todo o horror da medonha palavra *lama*, especie de *Mané Thecel Pharès* dos elegantes de Lisboa! Ha entre os povos da Tartaria Septentrional, na Asia, um summo pontifice venerado como um Deus e que se chama o *Gram Lama*. Como n'elle tudo é julgado miraculoso e divino, as damas nobres d'aquella região teem por grande devoção trazer (não desmaeis, ó civilisação!) as materias excrementicias d'aquelle summo paspalhão mettidas em caixinhas de ouro e penduradas ao peito, pois creem que aquelle *precioso amuleto* as preserva contra todo o mal. D'aqui se acertou de chamar entre nós lama a tudo que é menos aromatico e apetitoso. As nossas formosas compatriotas deram em parodiar as gentís tartaras, e tambem sacrificam á *Gram Lama* as suas tentadoras saias de côr, com as quaes usam atravessar o lamacento pélago; mas é tal o respeito que essa assorda de Mac-Adam tem pela inviolabilidade das suas niveas meias e demais regiões circumvisinhas, que apenas salpica e repinta as coloridas saias, em que suas donas guardam, como em precioso amuleto, a lama dos respeitaveis vereadores, escondendo depois com os vestidos esse *negro mysterio*. Só a industria feminil consegue livrar-se dos perigos desse pélago, aonde todavia tem dado á costa algumas duzias de botinhas; mas o deputado, o empregado publico, o poeta, o noticiarista e qualquer outro misero que uma vez ali escorregue tem para sempre perdida a reputação de homem limpo! A lama na ordem moral ainda lá se esconde ás vezes; ha muita consciencia

enlameada que passa por impolluta; mas na ordem physica aquelle que se enlamear por ter escorregado no Chiado fica para sempre votado ao ostracismo, e todos os narizes susceptives se affastam d'elle tapando com alvo lenço as fossas nazaes.

EDUARDO COELHO.

Pag. 107

Dos seus guanos e dos seus trapiches

Não se julgue que o auctor allude a algum logar ou casa de guardar generos de embarque, com o seu guindaste para carregar e descarregar; e menos se pense que o auctor falla de algum engenho de esmagar canna para se obter assucar e aproveitar melaço, de algum lagar para expremer azeitona e colher azeite, de alguma azanha de pizar milho e descascar arroz, de algum moinho de moer trigo e fazer farinha, ou de alguma atafona mais para dar farelo do que para fazer farinha. Não senhor, o trapiche não é nada d'isto, com quanto a sua palavra tenha sido tomada, por muita gente boa, como synonimo de engenho, lagar, azenha, moinho, atafona; e a da *trapicheiro*, como de moleiro, moedor, lagareiro, atafoneiro, etc. O trapiche, a que allude o nosso escriptor, tem uma historia longa, curiosa, illustre, e até brilhante, pelo elevado grau de consideração e esplendor a que chegou.

O trapiche não esmagava canna, não expremia azeitona, nem descascava arroz; mas o trapiche esmagava o commercio, expremia as algibeiras dos navegantes, e moia

todos os interessados na exportação do sal de Setubal. Elevado pois o logar da Troia á cathegoria de Couto, o engenho feudal, ali estabelecido, devia ser dirigido por mão forte e braço moedor, assim o trapicheiro não podia ser homem do povo, fraco e desajudado, o trapicheiro não devia habitar choupana, barraca ou trapeira, mas havia de viver no meio do fausto e da opulencia, pousar ostentoso em soberbo e magestoso palacio, para que, recostado á sombra de honrosos e lucrativos pergaminhos, bemdissesse os seculos dourados do feudalismo, dos direitos banaes, dos serviços pessoaes, e de tantos outros *beneficos* privilegios aristocraticos, que tenazmente teem resistido ás idéas perniciosas d'esta época de liberdade, tão má e tão avessa para o trapiche feudal.

Vamos á historia.—Indo sempre em crescimento as arêas do Sado, obstruindo o rio, principalmente na margem direita, onde se fazia o deslastre, junto á cidade de Setubal, determinou-se em 1701, que os lastros das embarcações fossem lançados na margem esquerda, no terreno denominado *Troia*, e sitio da Ponta do Faro. Era então o deslastre feito por conta dos capitães das embarcações, que se ajustavam com os empreiteiros, mas como a reunião das frotas fazia ás vezes com que muito deslastre se deitasse ao mar, para mais se abreviarem os carregamentos do sal, no porto de Setubal, propoz o superintendente dos lastros Gualter de Andrade Rua, que, para se evitar aquelle mal (e elle colher grande bem) as embarcações, em logar de pagarem o custo do deslastre, pagassem antes um imposto, segundo os moios de sal que carregassem, a razão de 22 réis por moio. A proposta foi acceita, e posta em exe-

cução; mas bem depressa o imposto foi subindo até 40 réis. No entanto Gualter d'Andrade Rua entendeu apresentar a segunda parte do seu plano, porque aspirava ás honras de trapicheiro, que bons contos de réis lhe podia dar; e o mais é que obteve de D. Pedro II, a mercê de fazer á sua custa, no referido sitio da Troia, uns trapiches, ou largas pontas, que entrando pelo mar dentro, n'ellas se deitavam os lastros, que assim eram mais facilmente transportados para o interior do terreno; recebendo Gualter Rua em compensação o rendimento do trapiche. Gualter Rua exultou de prazer ao ver-se elevado á dignidade de trapicheiro, com uma renda certa de dois a trez contos de réis annuaes.

Por morte de Gualter Rua, passou para a fazenda nacional a administração do trapiche. Mas Jorge d'Andrade Rua, sobrinho do 1.º trapicheiro, requereu o titulo e posse da *moinhola* trapicheira, e é de suppôr que por direito hereditario; e o mais é que tambem apanhou a graça de poder ir continuando a expremer as algibeiras de nacionaes e estrangeiros, que se davam ao tracto do commercio do sal. Fallecendo porém o 2.º trapicheiro, tornou outra vez para a fazenda a administração do deslastre.

Mas o officio de trapicheiro tornava-se já tão nobre e illustre, que causava inveja, e promovia até a ambição dos grandes; assim D. Maria I fez mercê do trapiche a Lourenço Filippe de Mendonça Moura, conde de Valle dos Reis, e que por sua morte passasse a sua mulher, a condessa D. Joanna. A graça parecia que acabava aqui; no entanto foi continuando nos descendentes dos condes de Valle dos Reis, a despeito de todas as épocas e reformas, de todas as

leis e instituições em contrario. Á murmuração porém succedeu a resistencia mais ou menos forte ao pagamento de um imposto, que se reputava illegal, até que os clamores contra o trapiche chegaram ao parlamento. Aqui o primeiro que levantou a voz em 1853, foi o deputado Garcia Peres; a imprensa secundou o deputado, clamando tambem contra o trapiche. Mais tarde a opposição foi maior, como se vê nos jornaes de 1861, e sessões da camara electiva de 17 e 30 de junho d'esse anno. Então o deputado Pereira de Carvalho e Abreu fez uma longa e proficiente historia do trapiche, cujo imposto foi apresentado como mais odioso e vexatorio do que o direito banal dos senhores feudaes, porque dizia-se — estes ao passo que tinham direito dos seus feudatarios irem moer aos seus moinhos, tinham tambem ao mesmo tempo a obrigação de possuir e concertar esses moinhos, em quanto que o rendimento do trapiche é para aquelle que o possue e administra, e a despeza da fiscalisação é feita á custa do povo, porque é o thesouro quem a paga. O deputado Annibal pareceu não gostar da historia; mas, ou porque se julgasse humilhado, tendo de fallar em segundo logar sobre um objecto tão importante da sua localidade, ou porque o affligisse o pensamento de ter que erguer a sua voz, de uma maneira que parecia renegar a origem da sua candidatura, porque a consciencia lhe dizia haver saido deputado do *chapéo ministerial*, entendeu começar o seu discurso dourando a pilula, que queria fazer engolir, balbuciando estas doces e amaveis palavras — a camara ha de convir em que eu não podia deixar de inscrever-me e tomar a palavra, quando vi aqui levantar uma questão, que affecta os in-

teresses da minha localidade. Queria dizer—que se a questão senão tivesse levantado, elle tambem senão levantaria. Mas a final o timido e cortez deputado repete parte do que o outro havia dito, e para se livrar de escrupulos, declara que faz suas todas as expressões do precedente orador!

A discussão foi longa e acalorada. No parlamento não faltaram requerimentos, nem propostas, até que um parecer declarou que o imposto trapicheiro era um direito real e magestatico; mas quando se esperava pela discussão do parecer, o administrador do trapiche abre mão d'elle e entrega-o ao governo. O imposto porém ainda está de pé, embora o seu rendimento vá para a fazenda, e o commercio soffre por conseguinte os mesmos vexames, talvez em homenagem á memoria de Gualter Rua! No ultimo orçamento vem calculada a receita do imposto do trapiche em 268$435! Ou é immenso o numero dos empregados encarregados agora da sua fiscalisação, em que se gasta grande somma, ou então boa não é a fiscalisação. Se o rendimento do trapiche fosse posto em praça subiria talvez a 500$000 réis, e ainda a mais. Que se ganhou pois com tanta bulha? Nada; o imposto ficou, o commercio soffre como soffria, e o thesouro pouco ou nada lucra.

Guano ou *huano* em *quichua*, idioma peruviano, significa excremento de passaros, para não dizermos estrume, nome feio e pouco aceado, porque não nos recorda agradavel cheiro, antes nauseabundo fétido. Alguns escriptores, com pretenções a antiquarios, vieram muito ufanos querer-nos descobrir que o guano do Perú era tão antigo, que já existia nos principios do seculo XVI, porque d'elle

falla Garcilaso de la Vega. Ora, muito obrigado pela descoberta! O excremento dos passaros é obra, ou materia-prima, ante-diluviana, porque a pomba, que saiu da arca de Noé, havia de comer para se sustentar, e não consta que fosse victima d'algum volvo; o guano portanto remonta aos primeiros dias da creação do mundo, porque, ao quinto, foram creadas as aves, tiradas do mar para povoarem o ar.

Mas o auctor não se refere a esses enormes montes de estrume, encontrados nas costas e praias do Perú; o auctor allude a essa empreza excrementeira, que ha pouco appareceu no nosso paiz, sustentada na imprensa com fascinadoras apologias, saídas da penna de abalisados escriptores guaneiros, e de altas capacidades e illustrações agronomas, as quaes se apresentaram com o fim benefico de serem os adubadores da nossa terra, tão cançada e enfraquecida, porque a troco de muita peta, tem sustentado opulentos zangãos e tanto bicho careta; assim os defensores e introductores de um guano artificial, pretenderam inculcal-o como o elixir mais estrumeiro de que ainda até hoje havia noticia. Mas o artificio não levou a palma ao fogo do José Osti, e não obstante as famosas apologias, o elixir estrumeiro cheirou logo mal a uns, sujou a outros, e não agradou a muitos.

A. CARVALHO.

Pag. 107

Cicero de Marrare *, audaz talento

* Alli se junta bando de casquilhos
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topete, prenhe de polvilhos
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues vadios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões, promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

A nota que mando é esta,
E dou-me por bem feliz,
Pois se disser que não presta,
Responderei que a não fiz.

AUGUSTO J. GONÇALVES LIMA.

Pag. 108

Onde o memorial constante entôa
hymnos sonoros que a barriga inspira.

Já é preciso que o author do *Roberto ou a dominação dos agiotas*, com aquelles seus ares de homem serio, com aquellas suas barbas de Abraham, tenha passeado muito desde o Salitre até ás arcadas do Terreiro do Paço! Já é trabalho estudar tantos typos estrangeirados e nacionaes, desde os do circo de *mestre* Price, até ao pedinte de sobrecasaca rafada e colleira de verniz; de costas dobradas

e pescoço teso; d'esses que se encontram a cada passo ás portas das secretarias de pé em esquadria e chapeu na mão!

E mais se prova que Manuel Roussado nunca teve a honra de ser par, deputado, ou ministro; e nunca portanto se viu procurado, seguido, appetecido, namorado, requisitado, perseguido, requestado, assediado; assaltado, tomado e saqueado por esta papeleira ambulante que se chama *pretendente*, que tem na sobrecasaca seis bolsos verdadeiros e quatorze falsos, afogados de memoriaes que todos principiam por *muito Ex.º Sr.* e terminam em *R. M.*ce homens que são phtysicos e parecem gordos, que são como um lagarto dentro de um carro de folhado, que teem fallas de mel e caras de riso, que nos apparecem em toda a parte, que não põem o chapeu por mais que se lhes peça, e que dão *Excellencia* aos continuos e aos porteiros mettendo a ponta do cigarro detraz da orelha.

Se Manuel Roussado tivesse lido ou ouvido ler, com os commentarios do supplicante, aquellas phrases bicudas e periodos tricorneos com pretenções a estylo, aquella ausencia total de senso commum e de contraponto na doutrina e na fórma não poderia chamar *hymnos sonoros* áquelles trechos de detestavel *canto-chão* que desafinam a alma do que os escuta como revelam a desafinação do que os dita.

N'uma só cousa acertou o admiravel talento de Manuel Roussado, na *musa* inspiradora d'estes *hymnos:* a *barriga!* aquella admiravel barriga leve, engelhada e oca como uma velha... ou como um tambor...

Vejo-me seriamente embaraçado n'esta comparação,

porque a final se é velha não é tambor, e se é tambor não é velha...

Com que eu a devia ter comparado é com um relogio, porque horas sei eu que dá.

Vamos: eu podia agora mesmo dar uma certa feição elegante e logica ás comparações que tracei; mas ficam melhor assim; n'essa incongruencia, n'essa desconnexão de phrase e de sentido vai quasi um *fac-simile* dos memoriaes que me inspiraram esta nota como a barriga inspirou os memoriaes.

E d'esta forma se vê como eu sacrifico á verdade a minha reputação de estylista.

THOMAZ RIBEIRO.

Pag. 110

«Das listas o carimbo á mente accode.
e a giria eleitoral d'empalmações.»

A lista carimbada e o empalmador eleitoral tem entre nós uma significação historica, que não é bom deixar perder á tona de qualquer enxurro. É sobre estes dois eixos que redemoinha o grande machinismo politico.

A lista carimbada descende em linha recta da *concha* grega, como o andarilho politico é primo co-irmão de Scapin e de Covielle.

Bebei o mar, se poderdes; dai a lua a comer ao lobo de La-Fontaine, se poderdes ainda, e o mundo não periclitará com isso; mas annulai o regedor de parochia, sequestrai-lhe o cabo de policia, empolgai-lhe o uso legiti-

mo da sua influencia local, e dizei-me o que será depois da republica!

Isto não é ironia nem sarcasmo; isto é a verdade núa e crúa como o bestunto do melhor conselheiro possivel.

Eu não sei se certos homens de metaphysicas governativas tem já prégado aos quatro ventos o systema da votação liberrima. É de crer que tenham; porque o seculo é de prosa, e a immoralidade navega de fóz em fóra!

Pois que ha mais bello que um domingo de eleição pura, e genuina, e especialissima?...

A mesa eleitoral está a postos, e a urna abre a guela, como o trifauce, para engulir a vontade do povo. A hora acerca-se, e os eleitores aproximam-se. São de todas as gerarchias e de todos os typos. Começa a agitação, o ruido, a perplexidade; tumultuam vagalhões de tribunos acrisolados; o presidente, manteigueiro da gemma, levanta-se magistral e ponderoso, como Mavorte no concilio dos deuses; principia a chamada: o momento é supremo!

Aqui, alli, volteando como o pensamento, adeja o galopim politico. Mais ao longe, involto nas emanações da propria gloria, o regedor dispõe as forças e planeia o ataque.

Deixem-o lá, que é Scipião em Carthago!

Empenha-se a lucta; olho por olho, dente por dente.

O braço livre do cidadão livre, erguido como a clava de Hercules, e segurando entre os dedos da respectiva dextra a lista, que lhe impingiram no adro, estende-se então para a urna.

A lista cahe; — oh, é ella, incontestavelmente ella, a mesma, a verdadeira, a conhecida lista, que faz sorrir ju-

biloso o cabo chefe, que a está namorando do arco cruzeiro com o seu olhinho de lynce!

Quando tudo fenece, o cidadão recolhe-se aos penates, e diante de uma acogulada sopeira de *macarronete* disserta sobre as bellezas do estado livre.

Isto é uma cataplasma emoliente que elle põe na consciencia; elle, o Galiléo em formato 32.º, que depois da apostasia bate com o pé no solo, não para protestar que é a terra que se move, mas para entoar o *liberi sumus* dos duvidosos parlapatões de Lamego!

E. A. VIDAL.

Pag. 118

. . . . . . dos batalhões
d'esses homens do Arsenal,
que andavam nas freguezias
a fazer as eleições.

Este batalhão formado dos operarios do Arsenal da Marinha foi uma das mais curiosas invenções do sr. Conde de Thomar, quando presidente do conselho de ministros. Era um corpo destinado para acudir ao enfraquecimento das urnas eleitoraes, assim como o dos bombeiros o é para acudir aos incendios.

Recebia o governo a noticia de que no circulo eleitoral da Moita não havia grandes probabilidades de sahir victorioso o candidato ministerial; tocava immediatamente a reunir o clarim d'este batalhão e partia para a Moita uma parte da sua força, uniformisada e armada; chegava á porta da freguezia onde os eleitores se achavam reunidos em roda da mesa, e discutiam as questões prévias.

—*Alto!* gritava o commandante da força, especie de inspector de eleições;—*a dois formar, marche.*—A tropa fiel entrava na igreja e a opposição ficava assombrada.

Chegados os primeiros heróes á mesa gritava o commandante:

—*Alto.*

—*Preparar para votar.*

Todos mettiam as mãos nas algibeiras, sacavam as listas, erguiam os braços e deixavam ver os papelinhos que significavam os votos conscienciosos.

—*Votar.*

Começavam a cahir na urna as pedrinhas para o edificio da popularidade ministerial.

Terminado este serviço, constava ás vezes, que n'uma freguezia proxima estava duvidosa a expressão da urna, e o commandante da força dava logo a voz de — *sentido!* e gritava—*até cincoenta, um passo á frente;—meia volta á direita, volver;—ordinario, marche.* E lá ia o destacacamento definir a expressão da urna.

Muitas vezes os cidadãos tinham a imprudencia de invocar a Carta Constitucional, e de pretender impedir que os eleitores ambulantes votassem sem estarem recenseados, mas a imprudencia custava-lhes muita coronhada pelos queixos, e até bayonetadas pelas costas, tudo em nome do Codigo Sagrado das nossas liberdades.

No dia seguinte os jornaes governamentaes exclamavam: «Triumphou o ministerio! As eleições fizeram-se desassombrada e tranquillamente, a urna exprimiu a confiança que a actual situação tem sabido conquistar.»

E os boticarios faziam bom negocio em pontos, cataplasmas e bichas para o curativo dos cidadãos livres que tinham ficado contusos ou feridos por occasião de manifestarem tranquillamente as suas simpathias pelo governo.

De tudo isto se conclue que o batalhão a que me refiro era para a urna o oleo de figado de bacalhau, a farinha de substancia, a *revalenta* eleitoral.

MANUEL ROUSSADO.

Pag. 112

Os deputados do povo
por artes magicas sáem
da copa de um só chapeu.

Não é que, no rigor da phrase, espere o candidato a recepção do mandato do povo, aninhado no chapeu do seu similhante; mas allude, sem duvida, o poeta a algumas sortes de magica branca por virtude das quaes, em dia de eleições, das listas que chovem n'um chapeu, se apura o nome do deputado que ninguem espera, e isto com a mesma limpeza com que mais tarde o governo empalma um membro da opposição e o faz apparecer nas filas da maioria, com geral assombro da camara, e enthusiastico applauso da imprensa ministerial!

Se a cousa não é esta, não sei eu o que é; e desculpavel ignorancia se torna a minha, que jámais vi eleições em Portugal, nem d'ellas curei nunca.

Antes porém de me dar por incompetente para o commentario do texto, que é provavelmente o que eu deveria

ter feito, quiz ver se por uma analogia colhida nas minhas viagens, atinava em explicar o caso, se não para os outros, ao menos para mim, fazendo, por esta fórma, quando mais não fosse, uma experiencia da propria esperteza.

Ao tempo da minha estada na Africa, discorrendo, a capricho, pelo sertão de Benguella, n'um dos presidios d'aquellas paragens, presenciei eu umas eleições em que o illustre votado saíu... do bojo de uma garrafa.

O facto é que os conscienciosos eleitores de qualquer d'aquelles pontos, cujo numero sobe e desce alternativamente, segundo as exigencias do governo, de 10 a 250, carregadores de tipoia da vespera, altos funccionarios do dia, pretos boçaes no fim de tudo, agglomeram-se, na occasião solemne, á porta da residencia do chefe, aguardam com indifferença que se lhes diga o motivo que ali os reune, e assistem com menos lisongeira reverencia ás differentes partes do discurso da authoridade de que, não obstante transmittido por um interprete, não entende palavra, e que passaria de todo desapercebido — o malfadado — se não fosse o salvar-se na peroração.

N'esta peroração pois está o triumpho notavel d'aquelles Demosthenes do deserto, e existe a verdadeira chave do enigma da eleição. Nem vão suppor, por agora, que é alguma tirada de estylo arrojado e vehemente, qual dizem convir á indole das raças africanas; — é menos e muito mais do que isso — cifra-se aquella parte complementar da oração n'uma simples garrafa que successivamente se enche de aguardente na dispensa do chefe e se despeja nas goelas sequiosas de suas senhorias os eleitores.

Concluida esta ceremonia elles entregam sem repugnan-

cia, a quem lhas pede, as listas que lhes haviam dado, que até ahi estavam em risco de serem abandonadas, por inuteis, mas que desde então assumem a importancia de ordens pagas á vista saccadas sobre a adega do commandante do presidio.

Mutatis mutandis, creio que as eleições por cá não estão ainda muito mais adiantadas.

Seja como fôr, ha quatro mezes apenas de volta ao meu paiz, offereço timidamente as reflexões que me suggeriram os versos de Manuel Roussado.

De hoje a um anno receio muito ter estudado a questão, e poder fallar *ex cathedra* sobre a materia.

23 de novembro de 1863.

ERNESTO MARECOS.

Pag. 117

De cabos mais um cento.

O cabo de policia foi inventado expressamente para dar *cabo da policia*. D'ahi lhe vem o nome, e é forçoso confessar que tem correspondido ao fim da sua instituição. Entre os saloios esta molecula administrativa é conhecida pelo nome de *cabo de pelucia*, o que se não póde tomar como corrupção do vocabulo, mas sim como uma designação rigorosamente exacta e derivada com acerto do modo brando e macio, com que o cabo costuma haver-se na captura dos criminosos, na manutenção do socego publico etc.

As habilitações para este importante cargo são as mes-

mas que para... morrer moiro. O que tiver padrinho póde tornar-se de cabo da *boa esperança* para o serviço em *cabo de tormentas* para o regedor, que tiver a audacia de o propor sob pretexto de que a lei é egual para todos.

Tem-se dito e repizado muitas vezes que este ou aquelle deputado foi levado ao parlamento *nos escudos dos cabos de policia.* Para que esta phrase não venha a induzir em erro a posteridade sôbre o armamento actual dos cabos de policia é bom fazer-lhe já d'aqui saber que as *armas d'estes varões assignalados são na occidental praia lusitana* o chinfalho de dois palmos e meio, e no interior do paiz o varapau ferrado. Tiveram, por excepção, no Porto durante o governo da Junta, armamento completo á caçadora, e não me lembra já quantos machados por companhia, destinados a servir no caso da cidade se ver forçada a seguir na sua defeza o exemplo de Saragoça. Só me consta que funccionassem uma vez. Foi no dia 30 de junho de 1847.

As tropas do general Concha começavam a entrar no Porto e as da Junta a depôr as armas, quando um official e alguns soldados que recolhiam de uma guarda foram violentamente aggredidos no principio da rua das Hortas por um grupo de individuos que, tendo sido prisioneiros da Junta, acabavam de recuperar a liberdade. Dispararam-se alguns tiros, e os imprudentes aggressores tiveram de refugiar-se n'uma botica proxima: n'aquelles tempos incultos, anteriores á *excellencia universal*, as boticas ainda se não chamavam *pharmacias*. Seguiu-se um tiroteio vivissimo contra a improvisada cidadella.—Aos toques de *cessar fogo*, respondiam novas descargas que a presença da cavallaria hespanhola e os esforços do general Con-

cha não conseguiam evitar. O leão popular traiçoeiramente agrilhoado não se resignara a soffrer impunemente o cobarde insulto do onagro. As descargas amiudaram-se, mas as portas da Malakoff das tisanas resistiam impassiveis. Vem por ultimo os machados policiaes, e as portas voam em lascas. Os sitiados já tinham voado pelos telhados com a presteza e felicidade dos Leotard.—O pobre boticario, como o do soneto do Tolentino, *foi quem perdeu no joguinho*. Mas as ballas não lhe quebraram só o *melhor vidro*, quebraram-lh'os quasi todos. Era um lastimoso espectaculo! A mostarda confundida com a linhaça; os oleos a brigar com os acidos, os excitantes com os calmantes, emfim um verdadeiro cahos:

Frigida pugnabant calidis humentia siccis.
Pugnavam frio e quente, humido e secco.

Apenas algum frasco solitario presenciava inteiro a *confusão dos partidos!*

Voltemos ao nosso assumpto. Uma lei manifestamente inconciliavel com as liberdades administrativas prohibiu a nomeação de cabos nas vesperas das eleições; mas esta prohibição, como indica o texto, para logo cahiu em desuso por absurda. Era o mesmo que prohibir o recrutamento militar na proximidade de uma guerra encarniçada.

N'um paiz em que tudo anda *por arames* os cabos de policia são nas épocas eleitoraes verdadeiros *fios electricos* de que o regedor é *pilha*. Por elles se transmitte aos eleitores ignorantes, dos seus *mais caros* interesses o nome do candidato independente que lhes convem, e de que elles muitas vezes nem sequer ouviram fallar.

Como poderiam todos os governos ganhar todas as eleições sem estes poderosissimos *auxiliares?* Sem estes diligentes *comparsas* dirigidos por habeis *contra-regras* como poderia conseguir-se no *theatro* dos acontecimentos politicos uma boa *representação* em *beneficio* dos *invalidos da ociosidade?* Pois o paiz sabe lá o que quer, se o gogoverno lh'o não diz primeiro? É desenganar; sem bons *cabos* não póde haver *manobra* a tempo, e o *naufragio* é inevitavel. N'este systema *cabo* não só quer dizer *fim*, mas tambem principio. D'elle nasce o parlamento; do parlamento o ministerio; do ministerio o funccionalismo administrativo, e d'este o cabo de policia.— Este singular *autem genuit* prova que o cabo de policia é ao mesmo tempo o *alpha*, e o *ómega* de uma boa organisação administrativa.

A. M. DO COUTO MONTEIRO.

Pag. 129

Ao circo Price correi.

Sigamos a corrente, infileiremo-nos na turba, e entrêmos n'um circo.

N'um circo! Principia aqui a hesitação. Entrar n'um circo é coisa simples, quando ha um só, mas quando ha dois! Qual escolher, qual preferir? O chronista já se vê, é imparcial como o juizo de Salomão. O chronista não tem partido, o chronista não tem predilecções... Mas o chronista tem frio como qualquer mortal.

Isto posto, affastemo-nos do hypodromo Cinizelli... por causa da temperatura, e entremos no circo Price.

Bravo, Price! Bravo, Richards! Bravo, Meers! Bravo, irmãos Rizarelli! Bravo, jovial Whitoyne! Estamos bem aqui. Temos luz, temos gymnastica difficil, temos raros equilibrios, como em politica, temos a conversação aventurosa, e sommado tudo, um espectaculo que passa como um turbilhão de evoluções hypicas, de saltos prodigiosos, de attitudes seductoras, tudo cortado de palmas enthusiasticas, de musica mediocre... e de gentis volteadoras.

Oh! a proposito de volteadoras, demoremos um momento a attenção, leitor, que vale a pena. Lá vem a joven irmã Monfroid, esbelta e graciosa, que já o anno passado arrebatava, e este anno captiva. Os seus progressos são evidentes, e se os duvidaes, ide ver, e admirareis comnosco os grupos das tres sylphides, e a firmeza dos exercicios no cavallo em pello.

Applaudis? applaudis com fervor, com empenho, com enthusiasmo? Suspendei um pouco, e applaudireis com frenesi e delirio. Entra na arena a gentil Adams. Diante d'aquelle garbo e correcção, diante d'aquelle arrojo que fascina, tudo mais desapparece. Palmas e acclamações á temeraria artista! Todo o circo estremece e estrepita, rompendo em salvas unanimes. Em Lisboa como em Paris o acolhimento do publico não póde ser mais lisongeiro nem merecido. Vede que rara elegancia! vêde que celeridade incomparavel! Não lhe sentireis uma só hesitação. Vence as maiores difficuldades com familiar indifferença.

Acabaremos, pois, dizendo... «Bravo Adams» como dis-

semos «bravo Price!» ou antes repetiremos: bravo Price! que tão bem sabes escolher os teus valentes artistas!

ERNESTO BIESTER.

Pag. 160

Podes amigo
Entrar no Penim

Uma vez que o Bulhão Pato vae historiar o Matta, ahi te envio *apontamentos* para uma futura historia do Penim. O Penim é uma baiuca, na rua do Regedor, conhecida dos estudantes, dos actores, e do povo. É um estudo, aquella casa; estudo que reclama um futuro Hogart para immortalisar na téla as feições, os typos, os grupos; ou um Eugenio Sue de bom humor, que dispa o frac para vestir a *blouze*, e vá ao centro d'aquella sociedade de excepção buscar um romance de costumes sem Rodolfo.

Rodolfo é o unico personagem que o Penim não acolheu até hoje no seu rasgado desdem pelos principes; tudo o mais ferve ali: Rolantes que é uma praga, Flores de Maria a rodo, e Corujas por dá cá aquella palha. Ali jantam do meio dia á uma hora os timidos commensaes, que principiam o convivio por uma posta de peixe, e terminam-n'o logo por uma azeitona com pão; da uma hora ás tres seguem os convivas normaes, que escolhem coelho guizado para primeiro prato, e pedem um caldo ao moço;—o caldo no Penim gosa dos fóros d'offerta, e cada freguez recebe a titulo de presente n'uma tigella de louça da terra duas cabeças de nabo a boiarem n'um caldo substancioso; das tres ás cinco apparecem os vagabundos, gente sem eira nem

beira, que come a credito até o locandeiro lhe dar baixa de talher, pobres diabos que recommendam ao creado que lhes traga meio pão grande, em vez de um pão pequeno, por custar o mesmo e render mais, Saltabadis sem futuro, que usam de uma ponta de cigarro por sobremeza, e consideram que um freguez que paga o que come é uma variedade na especie humana! Das cinco horas em diante, rompem os estudantes, os actores que não teem espectaculo essa noite, a bohemia litteraria, porque tambem a ha por cá, composta de alguns bons rapazes, que amam, riem, bebem, traduzem comedias para os theatros, collaboram nos jornaes de terceira ordem, são revisores de algum periodico politico, dançam nos bailes de mascaras do Café Concerto, teem um chaile-manta que justifica o nome, servindo de chaile á amante e de manta a elles, e que passam alegremente a vida, fumando, sem vintem na algibeira, o seu cigarro ao sol! O capricho de um pintor de genero não produziria mais excentrico amalgama de typos caracteristicos. Aquelle chão da casa Penim é tão escorregadio, tão gasto, tão unctuoso, que ainda mal se põe um pé, e já um homem se acha sentado á mesa entre um prato de sallada e um linguado frito. Atravez da nuvem de fumo que os charutos e os cigarros espalham na sala, victimando as guellas e os olhos, desenha-se toda a especie de singulares figuras. Uns, debruçados sobre as mezas, comem e bebem sem tomar folego; outros contemplam sisudos a amendoa torrada, que o creado lhes faculta no rol dos desenjoativos; outros ainda quebram melancolicamente o palito em mil bocados, e scismam de cabeça encostada á mão.

Em redor das mezas, em certas noites privilegiadas, á

hora do petisco depois dos arlequins, ou da tourada, vae doudejando uma polka vibrada na harpa e assoprada na flauta por dois concertistas ambulantes, que produz na imaginação dos penimsenses o mesmo effeito que o hatschitt e o opio nos orientaes. Algumas suaves raparigotas, que entram de braço dado com os seus apaixonados, convidadas á ultima hora para umas lulas de caldeirada, abanam com as engomadas sáias as nuvens de fumo do tabaco e os rostos dos bebedores. Entre o Matta e o Penim ha um abysmo. As reputações contemporaneas são uma deploravel ratoeira. Sobre cem mil pessoas que applaudem um sucio, ha cem que sabem o porquê, e o resto é por ouvir dizer. O unico homem, a cujo distraido ouvido o Penim se lisonjearia de que chegasse a fama do seu nome, — o Matta ! — o Matta ignora-o. É assim a vida humana. Napoleão morreu sem que um só ecco lhe fallasse de Child-Harold ; e Byron, injuriando-o, conquistador ciumento, vingou-se de haver feito menos ruido com os seus versos, do que o outro com as suas batalhas. Atordoai embora o publico com a reputação de um nome ; a cirós grelhada com molho de salsa não chegará talvez a ser conhecida do Cesar das geleias, e, em quanto na rua do Regedor se saboreia a lingua de porco guisada, Matta, o tyranno da baixa, o Nero da *mayonnaise*, espalhará a fama dos seus titulos pela tuba dos jornaes, e a fortuna deparar-lhe-ha um poeta encantador da Academia Real das Sciencias, para o tornar immortal. E todavia, ó Bulhão Pato, deixa que eu te diga uma verdade eterna : — a arte póde fazer o cosinheiro, mas o taberneiro dá-o a natureza !

JULIO CEZAR MACHADO.

Pag. 176

«Sobre a mesa do Matta bem ornada»

A arte da cosinha é a primeira e mais philosophica de todas as artes; Manuel Roussado, author do verso que a cima transcrevemos, o mais competente contraste para avaliar a filagrana culinaria; João da Matta o verdadeiro, o unico philosopho e poeta da nossa terra!

Manuel Roussado parodiou o *D. Jayme* a rir, como ri de tudo.

N'um ponto só o nosso folgasão e jovial escriptor concentra o espirito, pára, pensa, medita, assume um ar solemne, e cáe em posição magistral; é quando se senta á mesa.

Respirando alegria trabalhou no seu poema *Roberto*, acabada a obra, recebido o producto d'ella, viamol-o tocar no braço dos amigos predilectos, e, como o conspirador em tempos apertados, dizer duas palavras em voz baixa e rapida: «Vamos jantar.»

Não havia resistir-lhe.

O nosso poeta atravessava o Rocio, e, perdoe-se-nos a figura venatoria, com o faro de finissimo perdigueiro levantava a cabeça, tomando ventos na embocadura da Rua do Ouro, e pegando depois no rasto de piogada, ficava parado como uma rocha diante de um casal de galinholas que estavam ferradas no mostrador do Matta.

Entrava emfim. Acertando ser em dia em que entrassem em fogo todas as baterias da cosinha, era um prazer

régio para o famoso Matta a vista do seu hospede. Napoleão não podia ufanar-se mais de que o proprio Cezar lhe apparecesse nas primeiras horas em que o notavel heroe via, cheio de jubilo, vingar o maravilhoso plano da batalha de Waterloo.

Ó Matta, ó sublime artista, que prodigiosos reviramentos não tens tu operado em muitas cabeças e corações! Quantos ministerios tens feito, quantos tens deitado abaixo!

Historicos e regeneradores, reaccionarios e liberaes estremes, em diversas circumstancias os tens visto assimilados n'uma *mayonnaise*, tão perfeita como as tuas, saudarem-se com estrepitosos vivas, beijando-se com a innocencia do apostolo traidor!

Quantas vezes, nos banquetes que o ministerio manda subrepticiamente dar á gemma dos lapuzes da maioria, tu, repleto já de gloria, mirando a festa por entre portas, não terás paraphraseado estes versos do immortal Garrett, dizendo:

> Pois a taes cerdos vorazes
> Estas pérolas de preço
> Fui deitar!... oh! são capazes
> De as vomitar, na torpeza
> Da sua bruta natureza!

Ah! philosopho e poeta do estomago! com que indignação terás voltado o rosto ao ver um pae da patria boroeiro cair sobre uma *charlotte russe*, e cuidando empolgar meia duzia de biscoitos de *la reina*, escaldar-se na neve, retirar a mão felpuda, com o médio fincado no polegar e o indicador convertido em chicote, fustigar os dois

dedos cumplices no attentado! Por isso os teus dilectos são os devotos da arte, por que só elles podem apreciar o teu engenho.

Virgilio, antes de morrer, pedio que lhe queimassem a Eneida; é certo que alguns defeitos lhe achava o assombroso poeta.

Dante, é provavel que no decurso da sua *Divina Comedia* embicasse por mais de uma vez n'algum terceto, etc. Mas qual foi d'elles o que se matou por lhe sair uma estrophe côxa, ou um canto enesgado? Nenhum! Pois matou-se o teu patriarcha Vattel, por lhe faltar um peixe para remate do seu poema; e tu, ó Matta, tens alma para fazer o mesmo, se o aurifero Tejo se recusar a abrir-te os seus thesouros no dia em que planeares obra de desengano.

BULHÃO PATO.

INDICE